O INGLEZ

AL QUAL SE FALA NO MOMENTO

M. Oliveira Malta

NVERSAÇAO, PRO-
NCIA, GRAMATICA,
ERATURA, EXPRES-
ES E PARTICULARI-
ADES EM GERAL DA
NGUA INGLEZA E
ANKEE. - EXTENSÃO
OCABULARIO.

Esta obra é destinada a difundir no Brasil o conhecimento da lingua ingleza por um processo essencialmente prático, rapido e atraentissimo. O estudante começa e termina o curso falando, tendo a alenta-lo profunda simpatia e vivo interesse. E' como se a seu lado estivesse um professor solicito para lhe ensinar a verdadeira pronuncia, a ortografia e a perfeita tradução da palavra ingleza. De acuradissima construção gramatical são os dialogos, onde se destacam giros de frases, locuções e, sobretudo, a indole desta lingua. Partindo do ponto de vista racional, aprende o inglez como aprendeu o patrio idioma. E é esta a base do sistema. O metodo é intuitivo e está ao alcance de todas as inteligencias, de todo o grão de instrução e de todas as classes. Por isso, não precisa o aluno de outro auxilio, além deste livro, para a consecução de tão proveitoso designio.

O autor residiu muitos anos nas terras do Tio Sam, e lá, exercendo o professorado, colheu parte dos materiais com que moldou a obra propriamente dita. Neste arduo labor, foi ajudado por excelsos mestres de pedagogia e ciencia de alguns dos grandes Institutos Pedagogico-cientificos de Nova York.

Eis ai um admiravel instrumento para o aprendizado da mais proficua lingua.

EDIÇÕES
CULTURA
MODERNA

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS
VOLUME ENCADERNADO: 30$000

A R N O L D O
PIRATININGA

NUDISMO
UMA VIAGEM AO PAIZ
DA GENTE NUA

1

Cultura
Moderna

NATURISMO

A. PIRATININGA

NUDISMO

UMA VIAGEM AO PAIZ
DA GENTE NUA

150 FOTOGRAFIAS DE
NUDISMO INTEGRAL

Peça em todas as Livrarias

AS
EDIÇÕES
CULTURA
MODERNA

PEÇA CATALOGO GERAL

As Grandes Obras
Os Grandes Pensadores
Escritores Brasileiros
Os Grandes Artistas
Obras Primas Literarias
Espiritualismo
Poesia
Ciências
Medicina
Romances
Critica
Economia Politica
Cooperativismo
Sociologia
Sexualismo
Educação
Religião
Linguas
Odontologia
Matematicas
Veterinaria
Direito
Codigos
Leis Sociais Vigentes

LEGISLAÇÃO DO
ESTADO NOVO

COLECTANEA DE
DECRETOS - LEIS

(Publicação Mensal)

10,00

NUDISMO

ARNOLDO PIRATININGA

NUDISMO

UMA VIAGEM AO PAIZ DA GENTE NÚA

02-07-2005

Mario Sergio Bigarani

CULTURA MODERNA
(SOC. EDITORA LTDA.) SÃO PAULO
Rua São Bento, 51 (Edificio Martinelli)
CAIXA POSTAL, 749 Telefone 2-8000

CAPITULO I

BERLIM ATRAVÉS DUM MONOCULO

Quando um forasteiro pisa pela primeira vez o reluzente asfalto de Berlim, o que nota, imediatamente, é a existencia da Friedrichstrasse, e daí continúa compenetrando-se da mesma rua pelo menos durante uma semana toda.

A Friedrichstrasse é, em Berlim, o que o boulevard Montmartre é em Paris, a Broadway em Nova York, a Puerta del Sol em Madrid, a Praça Floriano no Rio. Isto é: o centro magnetico de onde se sai e de onde se regressa de qualquer parte onde se vá, e a passagem noturna obrigatoria dessas "frauleins" que, durante o dia, não têm nada que fazer nem em que se distrairem.

Estes nervos urbanos são feitos como os ninhos que os passarinhos novatos, inespertos, só se atrevem a abandonar para realizar curtos vôos, mas voltam pressurosos, receiando terem se adiantado demasiadamente de seu porto de refugio...

Berlim é uma cidade ampla e silenciosa. Fria, retangular. A Alexandria moderna. Nota-se em suas ruas esse prestigio imponente proprio dos grandes edificios medievais, que ao se lhes penetrar, coibem o visitante e convidam-no ao recolhimento. Assim como Paris e Londres atordoam, embriagam, Berlim impõe, domina e exerce no forasteiro uma especie de ditadura intima que o despoja de sua idiosincrasia racial e lhe submete ao seu mecanismo urbanistico.

Berlim poderá não ser elegante, se a elegancia ha de ir de encontro ao desenfado; poderá não ser alegre, se a diversão e o decoro hão de ser companheiros inseparaveis de caminho; mas, negar-lhe correção e civismo, seria caír em manifesta injustiça, cousa que não se coaduna com o nosso temperamento.

Não existe nessa cidade um nexo que a defina. A "Preussische Rasse", profundamente eslava, imperialista em excesso, não deixou de brotar nela a alma germanica. Produto artificial do centurionico espirito bismarkiano, creou-se uma capital que lhe era necessaria ao nascente imperio e o produto não foi humano; o resultado foi tornar-se uma cidade vazia e fazer o homem mecanizado, de movimentos muito perfeitos, de atitudes rigidamente civis, mas, sem "vício" algum dos que infundem humanidade aos corpos.

O imperialismo cumpriu em Berlim sua missão corruptiva e destruidora. O germano-celta não ama, não

amará nunca Berlim. Não pode amá-la e sente-se tão forasteiro como um latino.

Portanto, não devemos pretender que Berlim nos dê o "specimen" da Alemanha espiritual, tão vária, tão agreste no norte e tão docemente sentimental no sul, se nos afigura uma "standartização" mais propria de um produto comercial que de um povo.

Depois de muito andar, percorrer e embarafustar por toda parte, dando sempre preferencia em fazer ponto na "Unter den Linder", a "chaussée" mais ponderada da cidade, digna do ardor dos berlinenses que professam, olhei ao meu redor e sentí-me pequenino ao dar conta do ambiente de cidadania que em tudo podia prescrutar. Aqueles homens que andavam pesadamente, aqueles "polizisten" que eram a garantia da ordem e respeito, não dogues ao serviço do amo, deviam ser felizes, por serem senhores de tão brioso aspecto.

Um detalhe, não obstante, veio-me surpreender nas minhas gratas divagações. Na calçada fronteira havia um quiosque de jornais e penduradas estavam umas revistas que ao longe presenti serem "pornográficas". Seria possivel isso em Berlim? Mas, lá não se brinca com as autoridades e, não obstante, ali estavam aos olhos do publico... Acerquei-me do quiosque e me entretive um pouco, fazendo-me de distraído, enquanto esguelhava o olhar sobre as

escandalosas figuras. Nelas se viam mulheres e homens nús. Tudo mostravam, tudo... e com que caradurismo!

Dei uma ou duas voltas como se passeasse e quando notei que ninguem se avizinhava, aproximei-me rapidamente do vendedor e pedi, meio sufocado, mostrando a publicação.

— Dê-me *isso!*

— *"Lachendes Leben?"* — perguntou o jornaleiro.

— *Ya, Ya.*

Dobrei a revista com natural precipitação e escondí-a no bolso posterior da calça. Respirei mais livremente; acendi um cigarro e quando ia embora, fiquei perplexo, atonito. Um rapazinho de seus doze anos, acompanhado de um velhote um tanto moreno, que seria certamente seu avô, e de uma senhora de honesto e respeitável aspecto, pedia no quiosque:

— *Licht-Land.*

E o que o jornaleiro lhe entregara com a maior naturalidade era nada menos que uma daquelas revistas indecentes que com tanta reserva eu adquirira momentos antes. Minha estupefação não teve limites quando vi os três, muito juntos, muito interessados, folheando a revista e lançando exclamações de admiração entre aquelas figuras de mulheres e homens, todos nús, nem sequer com uma folha de parra!

CAPITULO II

UMA EXPECTATIVA DELICIOSA

— Não me diga isso! O senhor não gosta de Berlim? — exclamou *Herr* Kruger, gerente-exportador da casa de produtos quimicos, cujos negocios me levaram á capital da Alemanha.

— Sinto dizer-lhe esta verdade, mas, sou franco. Embora ainda não tenha formulado uma idéia cabal desta grande cidade, a não ser a da sua importancia comercial, ainda por cima não me é muito familiar o idioma alemão para que possa andar com certa desenvoltura pelas tumultuosas ruas. Sinto-me abatido, aferrado aos negocios e acho que preciso distrair-me. Mas, francamente, acho detestável Berlim. Ha um mês que aqui estou, sempre acompanhado pelo senhor, que me mostra sómente, formulas, ampolas e experiencias quimicas. Estou num estado desesperador; parece-me um pesadelo insuportável esta estadia.

O bonachão *Herr* Kruger olhou-me compreensivelmente, com uma cordialidade que naqueles momentos lhe agradeci com toda a alma e ofereceu:

— Em que lhe posso eu servir, para que o senhor se não aborreça na cidade mais divertida do mundo? Isto é um paraiso!...

Fiquei meio assombrado, aturdido, temendo que caçoasse de mim.

— Acha então o senhor, sinceramente, que Berlim é divertida? — inquiri quasi agressivo.

— E' pelo menos o unico lugar da terra em que mais a gente se diverte. Berlim tem para nós tudo aquilo que para os sul-americanos possa haver nas demais capitais européas e americanas. Tudo e... mais alguma cousa que as outras não poderão ter!

Sorri ceticamente.

— Já sei... O senhor está vendo por outro prisma.

— Em absoluto! Passei por esses transes nas minhas longas viagens; sei o que é estar longe dos que nos são caros e das... caras.

— Não. O equivoco é seu, *Herr* Kruger. O que em mim se passa talvez ao senhor não sucedeu. A vida está se tornando muito monotona aqui para um estrangeiro como eu, ao passo que o senhor sempre aqui viveu e conhece o ambiente. Quero viver e... conhecer. Talvez o senhor não conheça a vida de Paris, Londres, Barcelona, Rio de Janeiro...

— Escute-me. Sou o chefe da exportação desta grande casa por tê-lo merecido, e para desempenhar este cargo tive que percorrer, por muitos anos, todo o continente como viajante de drogas e passei dois anos como representante na America do Sul, fazendo ponto principalmente em São Paulo, Rio e Blumenau, onde tenho parentes, Buenos Aires e Valparaiso.

— E depois dessas tantas viagens continúa opinando que Berlim...

— ...é a cidade mais divertida do mundo... para os berlinenses.

Mas, *Herr* Kruger falava com tal tom de comercialidade e ponderava com tanta sinceridade e tão pouca paixão dava ás suas palavras, que quasi eu não tinha argumentos, dentro da esfera em que me via, para proseguir discutindo com ele, certo da ineficácia de meus arrazoados.

— O senhor disse ha pouco que Berlim possúe alguma cousa que as outras cidades estão longe de possuir: explique-me isso.

— Então o senhor não vê a enorme importancia que tem para nós, a de ser a capital da nossa novel republica? Creio que não se negará que este motivo nos seja verdadeiramente interessante?

— Sim... sim, com efeito... mas aborreço-me de Berlim. Praza que logo acabemos com as experiencias, pois quero voltar para Paris ainda neste verão e...

— Espere. Desculpe interrompê-lo, mas não é cousa de estranhar, pois muito me aborreci quando pela primeira vez estive no Rio de Janeiro.

Estas palavras foram para mim como uma mordida de cobra.

— Impossivel! Neste ponto de vista não ha paralelo: falar do Rio quando se está a falar de Berlim! Se o senhor logo convivesse com a alma carioca, com o espirito do povo, mudaria logo o seu tédio em alegria. Por ventura assistiu um carnaval no Rio? Diga-me com sinceridade e perdôe minha veemencia!

— Nada ha que perdoar... E' muito lógico, muito natural. O senhor tem razão: nunca assisti um carnaval no Rio quando lá me enfastiava. Mas, olhe: o que me faltava no Rio é o mesmo que aqui lhe falta. A cerveja e o bom café repugnam o paladar dos que lhe são estranhos. Ao senhor lhe faz falta saber beber cerveja á moda alemã para que comece a gostar de Berlim, como a mim fazia falta saber saborear um bom café, umas empadinhas e as "batidas com limão". A cerveja, meu caro amigo, é para ser tomada entre marmanjos trócistas, mas o café se acompanha melhor

com um chôro de violão, com languidos gemidos das morenas... é isso. Que diz?

— Concordo... é o mesmo evangelho.

— Então, homem, anime-se, mas conte-me o que conhece de Berlim, para que se mostre desde já tão aborrecido.

— Creio que o bastante. O centro, a admirável Kurfurstendem, tão vertiginosa, com ar cosmopolitano, com seus dancings aristocratas...

— Que mais?

— O Tiergarten, os museus, Potsdam, Gruenewald, Charlotenburg, Tempelhof, Neubabellsberg...

— Pelo que vejo o senhor é um perfeito turista nas suas horas de lazer. Mas Berlim, como o Rio, como Paris, como a sua grande cidade S. Paulo, tem tambem algo que não se descobre nos guias de bolso, alguma cousa que está em todas as partes e que não pode ser notado pelo simples turista.

Assim falando, com mais sentimentalismo, o bom Kruger tornava-se aos meus olhos mais simpático e menos droguista. Eis que me solta a queima-roupa:

— Porque não se decide tomar um banho de ambiente berlinês? Sentiria muito, devéras, se um homem como o senhor, viajado, culto e industrial, saisse daqui tão desagradavelmente impressionado.

— Como? Quando? Onde? — inquiri com entusiasmo.

— Muito simples e muito dificil. O verdadeiro ambiente de uma cidade não se respira até que se tenha gasto alguns pares de sapatos. Não obstante, veremos se é possivel que o senhor se "introduza" nesta lei natural, fazendo-se acompanhar por alguem que não queira explorá-lo e conheça a fundo a nossa metropole. Talvez estranhe que lhe diga que mesmo assim não posso garantir um êxito completo, mas...

— Lembre-se que sou brasileiro e que nos aclimatamos muito facilmente aos ambientes; o nosso torrão é bastante cosmopolita...

Herr Kruger sorriu melifluamente.

— Nem os brasileiros, nem raça alguma da terra é capaz de meter-se no "ambiente" da alma de um povo, senão aprendendo a sofrer com suas dôres e gosar com suas alegrias. Vejamos, como poderei fazê-lo gostar daqui e dar o seu primeiro passo airosamente satisfeito. Creio que tenho para o senhor a pessôa que lhe serve.

— Mas essa pessôa pode ser o senhor mesmo, contanto que lá fóra não me fale em drogas, retortas e ingredientes. Pois tem sido tão amável, tão compreensivo...

— Não, perdão, ainda não completei um ano de casado e dedico todas as noites á patrôa, pois estou para ser...

— Faço votos e almejo felicidades até aos choros do bebé — atalhei, fingindo-me alegre.

Herr Kruger apanhando o telefone pediu uma ligação interna, trocou umas breves palavras com alguem e, retomando a poltrona, esfregou as mãos, olhou-me por cima dos oculos e disse com gesto insinuante:

— O senhor vai conhecer Berlim, mas com bom *café*, que o fará ter muito apetite. Pouco a pouco irá se amoldando á cerveja á moda alemã e a tomará como estimulante, ficando como um de nós. Verá.

Momentos depois, á entrada do escritorio, apareceu uma jovem e linda estenografa, que permaneceu á espera das ordens de seu chefe.

— *Kommen Sie, Fraulein!* — convidou cordialmente *Herr* Kruger.

Abandonando sua rigida pose de subordinada, sentou-se numa poltrona ao lado da escrivaninha que o chefe lhe oferecia.

— Vamos ver, cara Hertha — começou em francês o bom Kruger, apresentando-me: — o Sr. Paulo Paes, nosso... Conhece-o, não é verdade?

— *Jawohl, mein Herr!*

— Muito bem: o nosso amigo do Brasil deseja conhe-

cer Berlim e pareceu-me que ninguem melhor que a senhorita poderia servir-lhe de "cicerone".

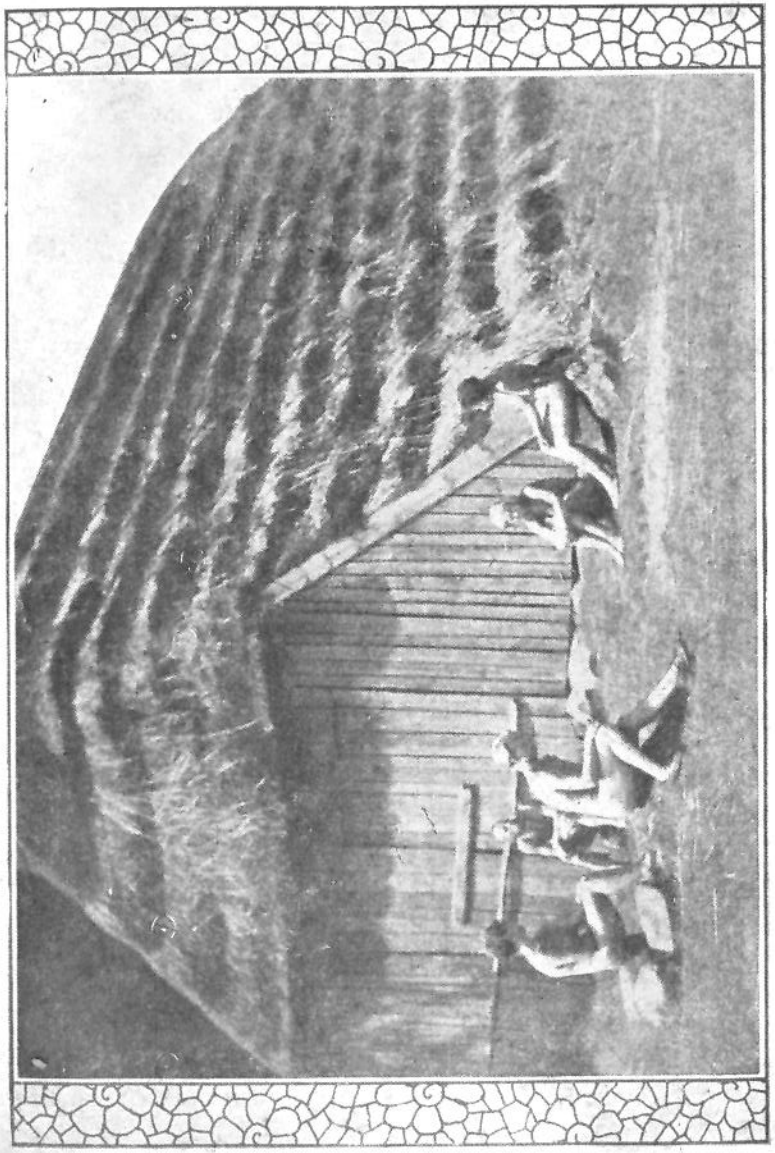
— *Sehr gerne, mein Herr!*

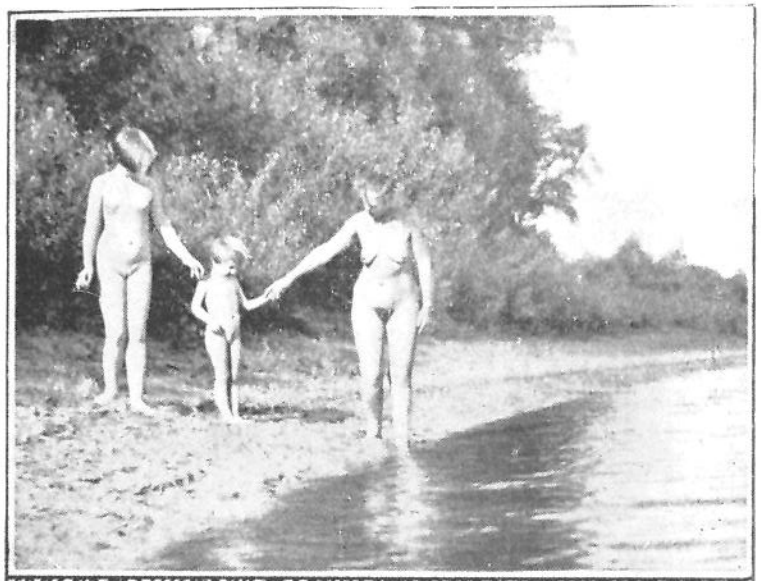
— E' jovem, moça moderna em seus costumes, bonita, fala admiravelmente o francês e certamente está ao par de todas as novidades da nossa complicada cidade. Tenho o convencimento de que o nosso amigo agradecerá mais tarde a minha acertada escolha.

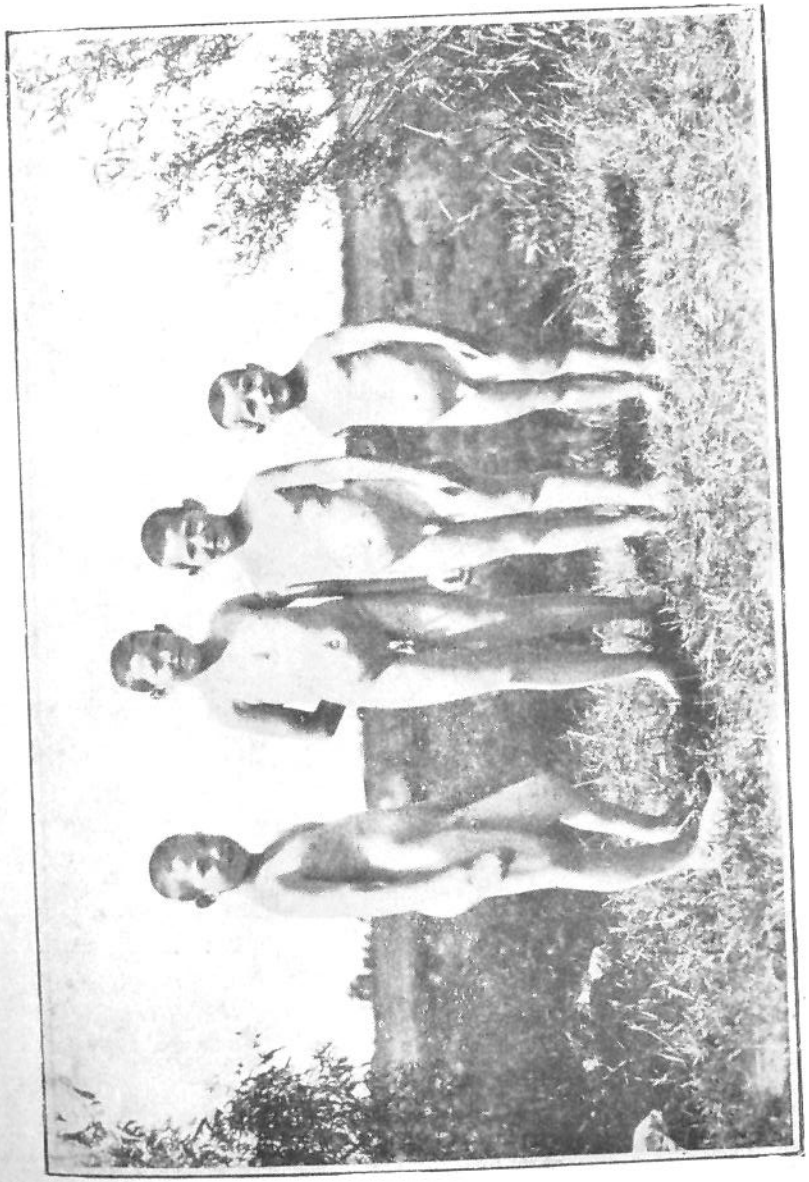
Ela sorriu sem afetação e eu me apressei em exclamar:

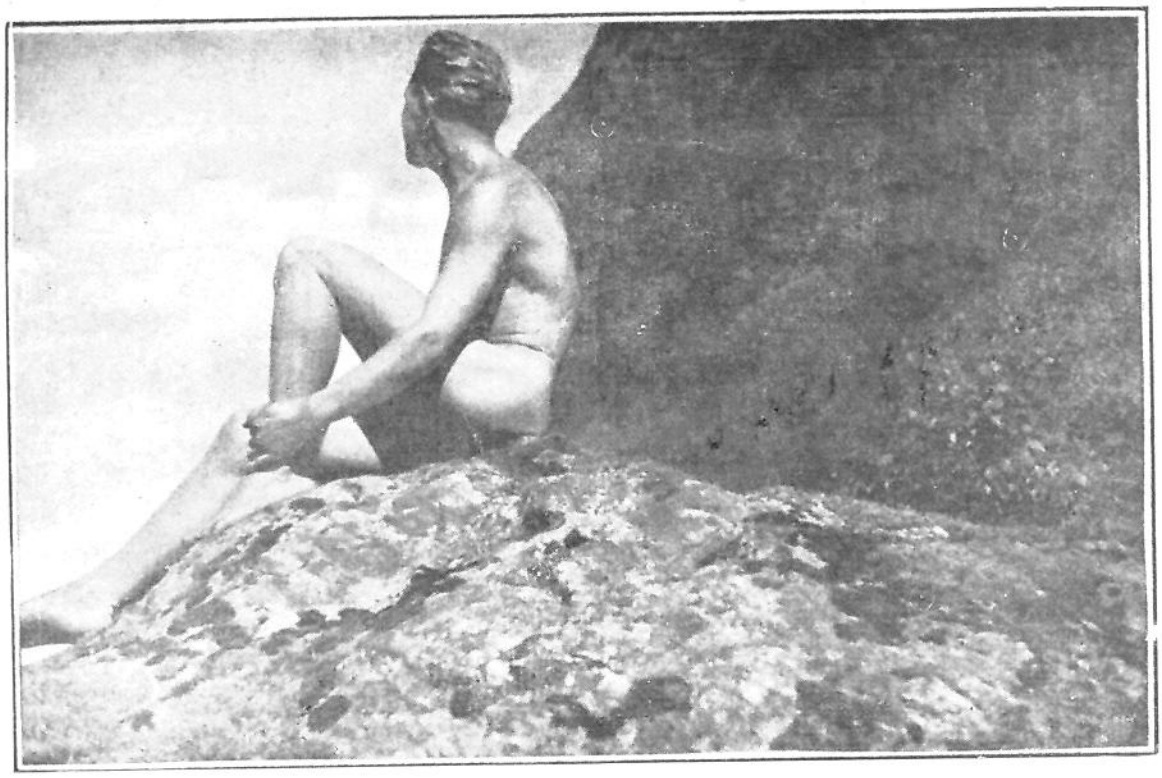
— Explendido, *Herr* Kruger, como sopa no mél!

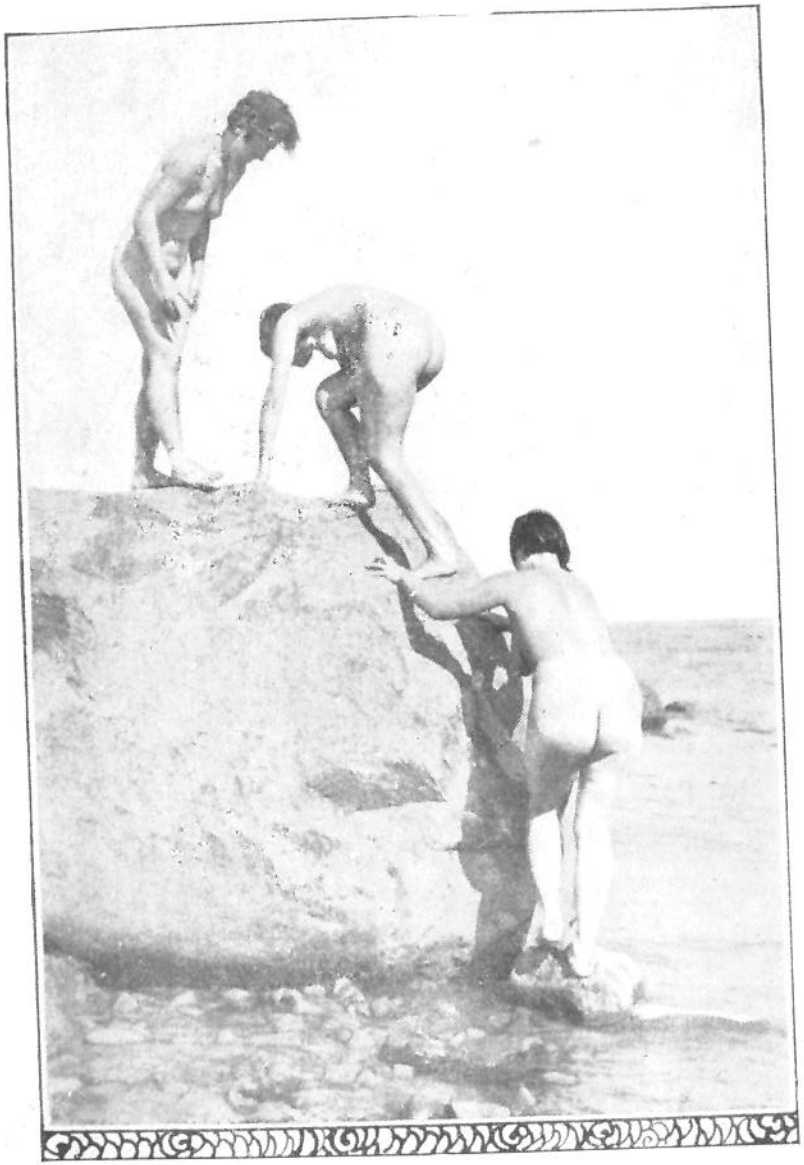
— Deixe o mél para depois, quando puder apreciar o valor do serviço que lhe presto. Agora, os dois podem combinar o devido plano enquanto vou despachando o meu expediente. Quanto a Fraulien Hertha, fica desobrigada de sua tarefa no escritorio durante os dias em que puder ser util ao nosso bom amigo do Brasil. Advirto-a, para sua boa ordem, de que é meu desejo que o Sr. Paes sáia de Berlim conhecendo-o bem, mas muito bem, e não se esqueça de que poderá fazer jús á imortalidade com o serviço que lhe recomendo, pois poderá dar-se o caso de que o Sr. Paes que além de industrial é escritor, a converta em protagonista de um de seus romances, que desde logo pode a senhora estar certa de que serão destinados a proporcionar-lhe a imortalidade.

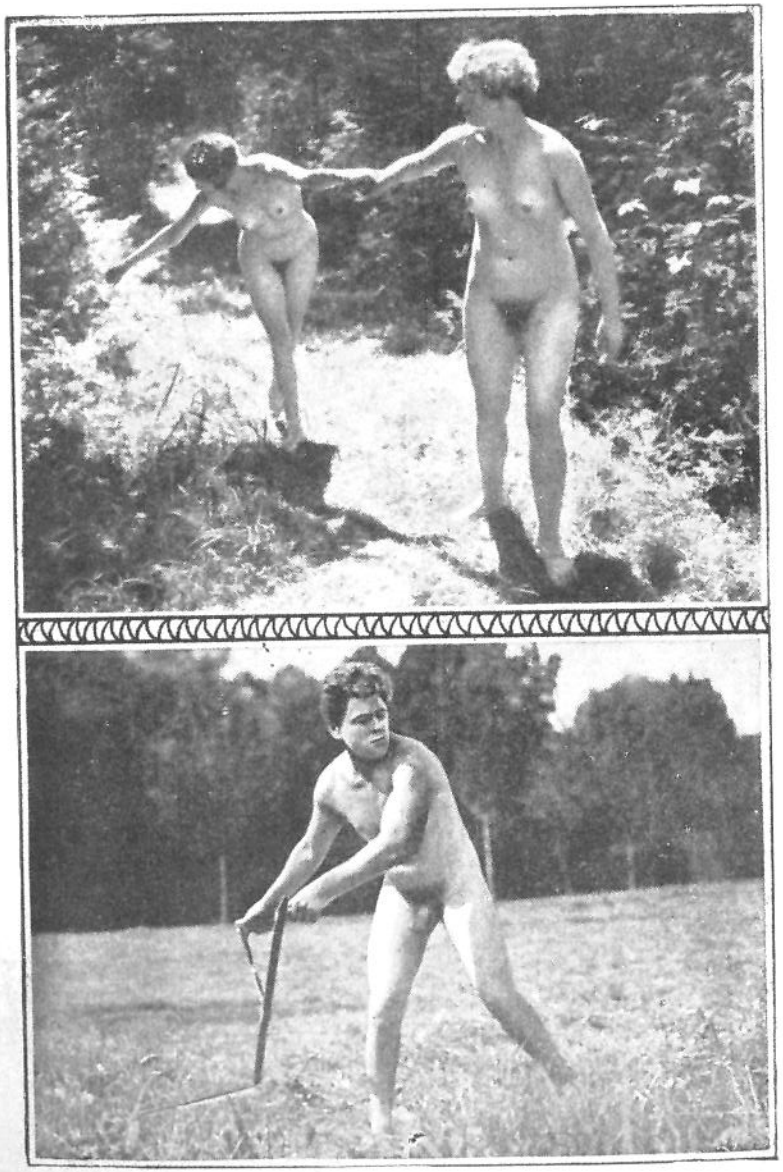


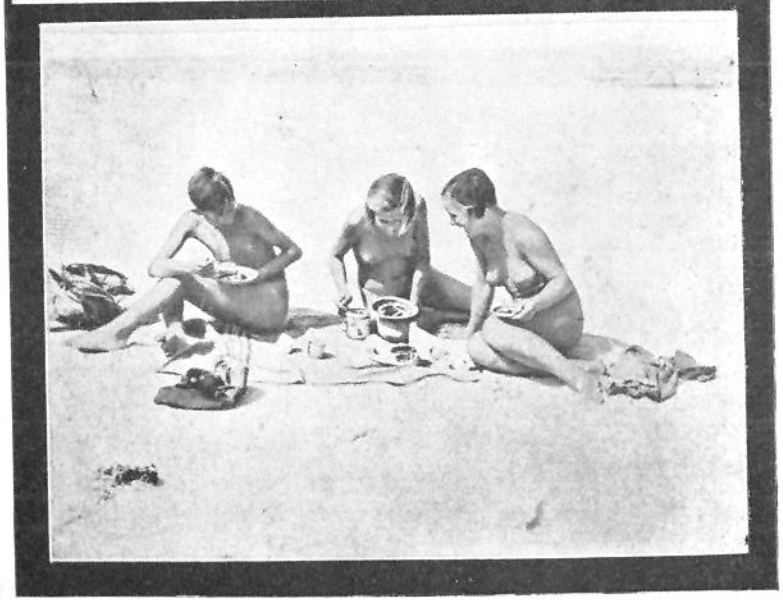


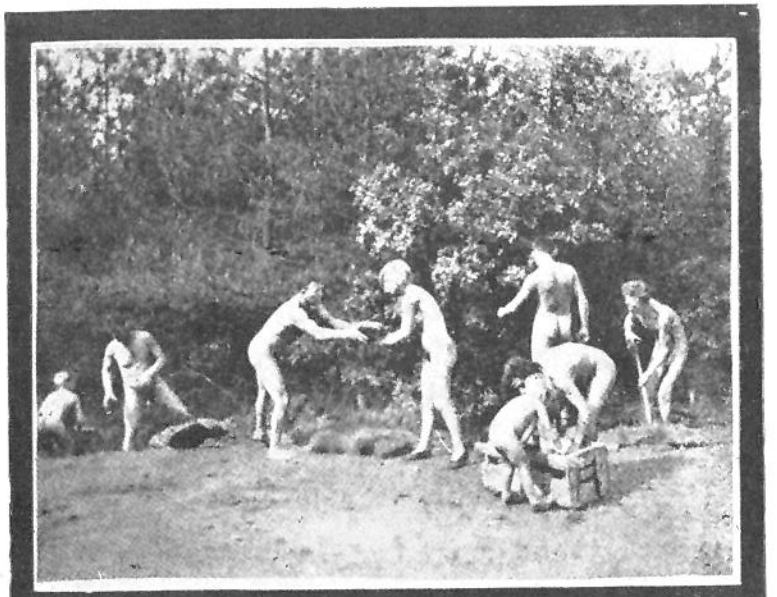


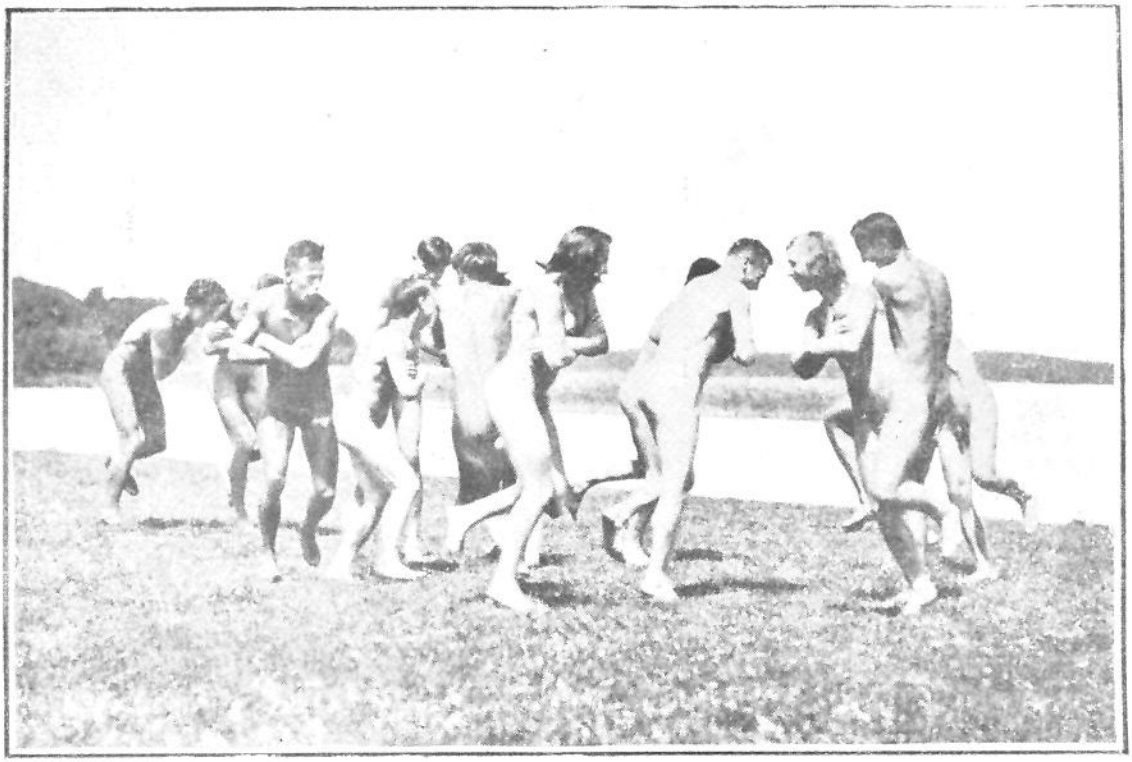


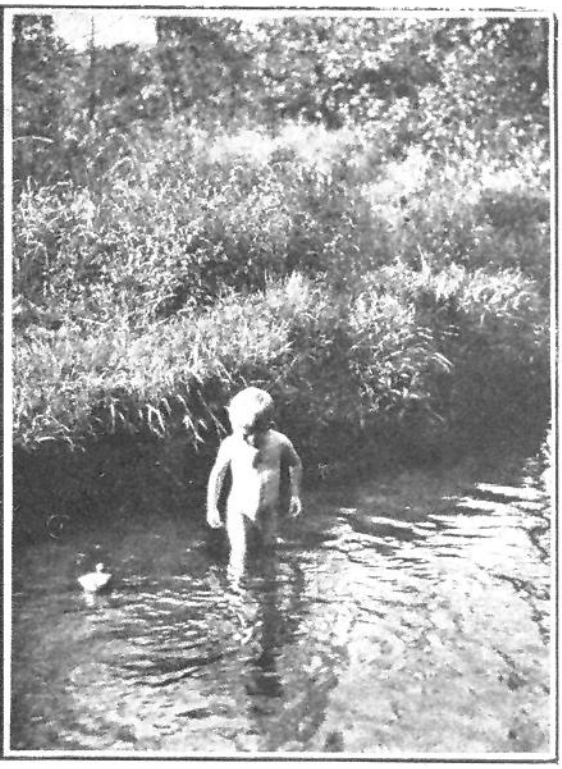


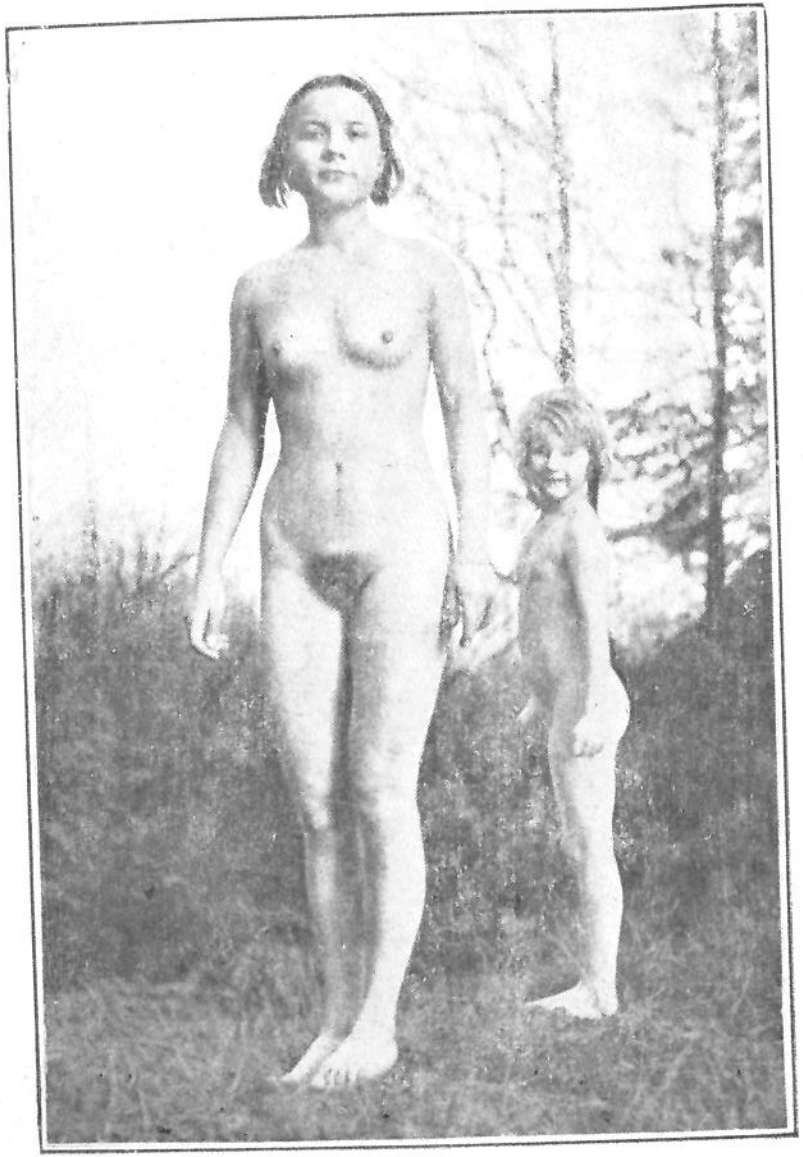


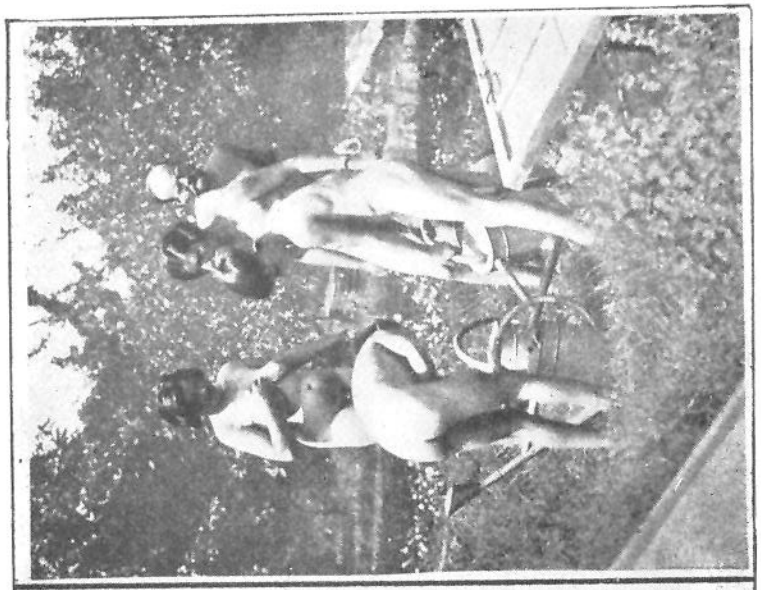


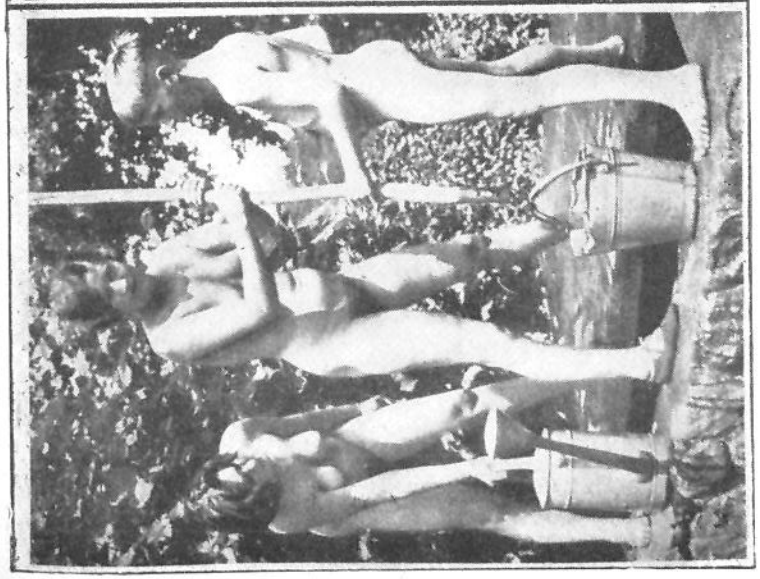


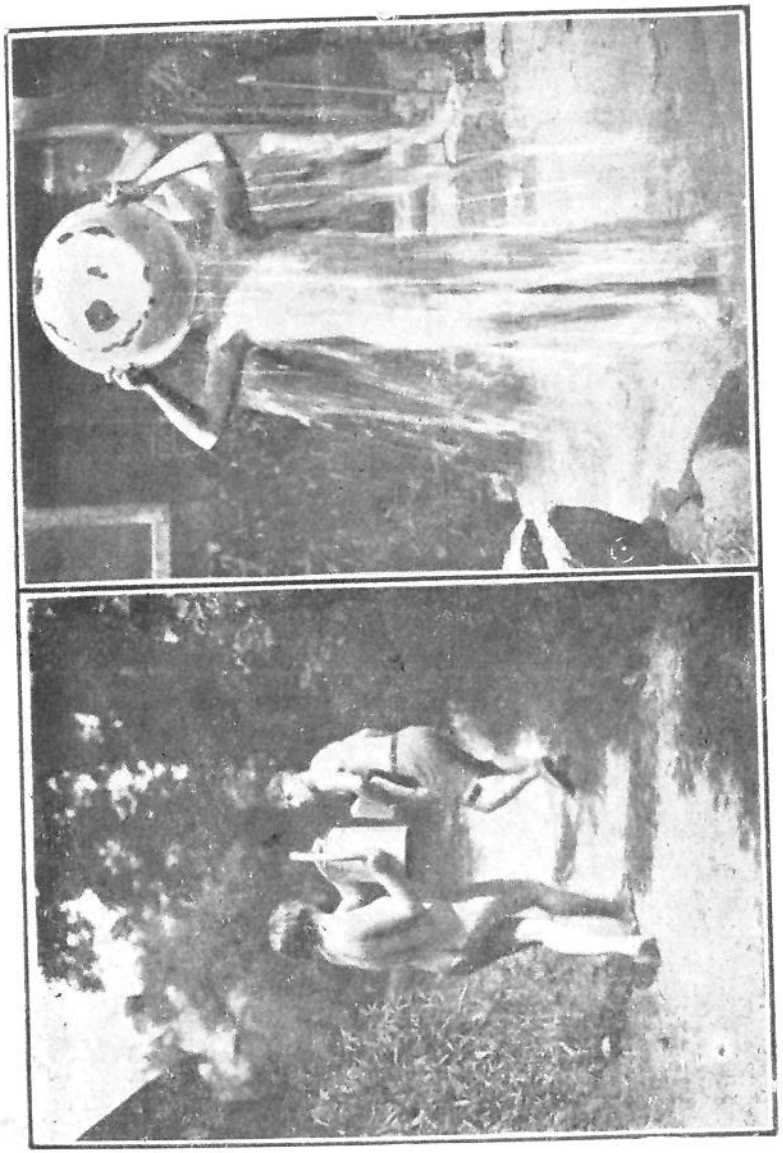












Gozei a engenhosa maneira de expressar do bom químico e procurei desarticular as suas suposições um tanto exageradas mas agradáveis. Isso de imortalidade é cousa com a qual jamais contei.

Capitulo III

O PRIMEIRO REFRIGERANTE

Confesso o meu assombro. O fato, naturalissimo para o meu amigo Kruger, de que uma encantadora senhorita como a "fraulein" Hertha, se prontificava a acompanhar-me para me mostrar a Berlim que eu desejava conhecer, isto é, a Berlim tortuosa, viciosa e alegre, não acabava de se acomodar em meu cerebro em excesso impressionável e sempre pronto ás aventuras galantes.

A senhorita Hertha era uma formosa walkyria em plenitude de seus gloriosos dezoito anos, loura, dourada como uma espiga de trigo, sadia e cristalina como o orvalho, carnosa como maracotão e possuidora de uns grandes olhos azuis que assemelhavam dois lagos encantados na redondeza plácida do rosto.

Um vestido leve e sem mangas prestigiava as sinuosidades de seu corpo morbido e de carnes que se adivinha-

vam serem muito tenras. A bôca bem delineada e uns dentes de perolas, proprios para uma reclame de dentifricio. Em suma: bem talhada e bem bonita. Falava francês com correção, mas com uma lentidão e uma amplitude de vocalização que a tornavam uma linda boneca automática. Advirto que em seu rosto não havia um unico vestigio de maquilage, embora nos lábios uma ou duas passadas do obrigatorio "baton". Não obstante, aquele rosto oferecia as frescas tonalidades de uma maçã californiana.

Não precisei trocar com ela mais que umas três frases para descobrir que se tratava de uma moça jovial, simples, desenvolvida e feita para todos os embates da vida metropolitana.

— Muito me alegro — disse-me ao passar pelo lavabo dos escritorios, antes de saír á rua, — em poder ser-lhe util.

— Que feriados mais insipidos terá a senhora em minha companhia! Diga-me, com sinceridade, se apraz tomar esse incomodo? Talvez vá desencontrar alguns de seus planos...

— Oh! Não diga isso — interrompeu com vivacidade — o meu contentamento é precisamente por passar em sua companhia!

Não sei como expressar o efeito que produz num homem, ainda jovem, impetuoso e por contrapeso brasileiro, tão encantadora frase dita pelos lábios de uma moça bonita

e na intimidade de um lavabo. Essas mesmas palavras pronunciadas no Brasil, teriam o logico desenlace; mas, em Berlim, um jovem impetuoso sentir-se-ia coibido, e tive por bem reservar o abraço e o beijo para outra ocasião que começava a vislumbrar, mas que não tardaria em apresentar-se

Sorri humildemente e fiquei contemplando. E assim permanecemos uns minutos.

— Porque me olha o senhor com tanta insistencia? — perguntou-me ela oferecendo a toalha.

Não me pareceu correto descobrir meus pouco confessáveis pensamentos, porque posso garantir que não eram para serem confessados a uma datilografa que acabava de me ser apresentada.

— Pois... por nada; sinto-me tambem muito rejubilante — contestei arrastando um tanto as palavras.

— Devéras?

Como não. Quantos invejarão a minha sorte!

E não é então? Percorrer Berlim em companhia de uma senhorita tão simpática e tão formosa como a senhora! Isto está acima de todos os programas de turismo e planos comerciais.

Sorriu sem faceirice, no entanto agradecendo a lisonja com seus grandes olhos azuis.

— Não pode negar a sua nacionalidade! — comentou

colocando um de seus pézinhos sobre uma banqueta e repuxando as ligas com a maior naturalidade, ante meus esgazeados olhos.

Foi então que tive que fazer um esforço para reter meus impulsos. Afortunadamente, ou infelizmente, a tentadora exibição foi curta. Mirou-se no espelho, arranjou um cacho rebelde de seus cabelos, alisou com as mãos a ajustada sáia sobre os quadris, e exclamou disposta já para saír:

— Inteiramente ás suas ordens, *monsieur!*

Quando deixavamos os escritorios, chamou uma colega e entregou-lhe uma revista das que eu furtivamente adquirira no quiosque.

— Por favor, Elsie, guarde-m'a — pediu Hertha a sua amiga.

Daí saímos para a rua.

Inutil dizer que eu estava encantado com a descoberta que acabava de fazer. Uma criatura que adquire revista dessa "classe", soliloquei, não deverá estar muito longe dos respingos amorosos. Lembrei-me das ligas e cá com meus botões comentei: "Kruger é um grande homem de negocios e um amigo compreensivo, muito compreensivo..."

— Onde quer ir o senhor? — perguntou-me das Maedchen", quando já estavamos no torvelinho das ruas berlinenses.

— Onde melhor lhe aprouver, senhorita.

Com seu encantador denodo e sem prévia consulta, fez parar um taxi e ordenou:

— Tiergartenstrasse.

Quando já estavamos sentados, esclareceu:

— E' preciso avisar em casa, pois não costumo faltar, nem nas horas de refeição, quanto mais passar diversos dias totalmente fóra. Se tomei um auto foi para aproveitar o tempo, contudo acho que devia tomar o metropolitano, mas o senhor teria que andar a pé dois quarteirões!

Que direi: aquilo não era uma mulher! Era uma joia! Ouviram com que singeleza, com que naturalidade se expressava, considerando bom alvedrio pôr a familia ao par dos seus dias de folga e a desculpa por gastar mais um marco afim de aproveitar o tempo?

Apenas pronunciamos palavras durante o trajeto, e meus olhos não se cançavam de contemplar aquela maravilha de olhos celestiais e aqueles cabelos dourados cuja dona ia ser nada menos que minha "cicerone" dos dias a seguir. Tornei a agradecer *Herr* Kruger, traquejado pelas viagens, que sabia dar vasão ás preocupações discrepantes de um industrial *ávido* em bons negocios e perfeito conhecedor das diversas modalidades mundanas.

Quando o taxi parou, Fraulien Hertha saltou com a agilidade de um passarinho.

— Desculpe-me um momento — disse sem fechar a portinhola do carro, e desaparecendo por entre a aboboda dum frondoso jardim fronteiro a um chalé com ares de lindo palacete.

Momentos depois, o auto corria veloz até a buliciosa Kurfurstendem. Descemos em frente ao "condotorei Wien", e com um desenfado que me pareceu a cousa mais natural do mundo, tomei o braço da minha companheira, para cruzar com ela muito orgulhoso o terraço do "condotorei". Não sei se foi apreensão minha ou se na realidade assim ocorreu, mas ao apanhar o braço da "fraulein" julguei observar um tremor involuntário de "frison", rebeldia ou de protesto. Mas, repito, creio que foi um lapso, pois imediatamente seus olhos encontraram-se com os meus, sorrimos ambos sem malicia e avançámos por entre as mesas do terraço luzindo em meu braço a flôr, a meu parecer, mais formosa daquele fragrante jardim feminino.

Não conhecia o estabelecimento e surpreendeu-me agradavelmente sua alegre e modernissima decoração, muito parecida com as do Copacabana Palace. O "chefe", com incontestáveis e profundas reverencias, pôz á nossa disposição um dos melhores lugares na magnifica sala. Prudente e precavido e por temer o ridiculo, deixei á "fraulein" a escolha dos manjares, escolhendo um cordial e um vinho que mais me atraiu na lista da célebre adega.

As primeiras notas das "Noites Vienenses" reboaram pelo salão, e arrastei a minha bonequinha para a deliciosa valsa rodopiada, durante a qual minhas endiabradas mãos gosaram o deleite de acariciar-lhe o talhe tibio que irradiava magneticamente da "georgette" cuja maciês me transportava em anhelos futuros...

Renovamos uns "cocktails" e dansamos vários blues e um tango, e no curso deste pude deslizar ao ouvido de Hertha umas frases quasi apaixonadas e muito proprias de um brasileiro que engulira uns "drinks" e tem em seus braços uma mulher formosa, jovem e tentadora; frases ás quais ela correspondeu com adoráveis sorrisos que me fizeram vislumbrar uma mansão olimpica que não tardariamos — presumia — a transpôr.

Jantamos em Casa de Kempinsky na Leipsgstasse, e tive o acerto de combinar o menú, pedindo caviar, langosta e champanhe, que incendiaram levemente as faces da minha adorada "cicerone".

Cousa estraordinária: começava a gostar de Berlim!

Saimos e puzemo-nos a passeiar pelo Zoo. Tagarelei com doces florilegios o meu repertorio galante. Ela escutava-me com arte e doçura de mocinha compreensiva e de vez em quando dizia sorrindo:

— Como são simpáticos os brasileiros!

Naquela mesma noite, percorremos Tantspalast Libelle

e ceiamos no Wintergarten e fomos a mais outros lugares cujos nomes não me recordo, pois sentia-me sobre um tapete mágico e facinado pelos grandes olhos azuis. Mas... ao retirarmo-nos, já pela madrugada, levava a "fraulein" para a sua casa meio adormecida sobre meu ômbro, através do Tiergarten, cujas arvores se vestiam lentamente ao sôpro do estio, desde a Porta de Bradenburgo, até o Lago Neuer... Foi uma noite deliciosa... mas voltei sózinho.

CAPITULO IV

CONHECER E' VIVER!

No dia seguinte fomos a Potsdam, a Versalhes alemã, e portanto excursão obrigatoria de todo bom turista. Admirámos as suntuosas edificações, alardes de riqueza, de engenho e de bom gosto dignos de seu construtor: Frederico o Grande, que soube empequenecer a delicada joia francesa do século XVIII.

Chocou-me o templozinho que remata o palácio imperial daqueles soberbos jardins e perguntei á minha "guia" se aquelas estátuas núas, á maneira de caristides, representavam as Três Graças.

— Não conhece o senhor a anedota?

— Confesso que ignoro-a.

— Essas três mulheres — atendeu sorrindo e dando uma singular expressão em seus olhos cada vez mais azuis —

querem aludir ás três heroinas que naqueles dias dominaram o mundo e a fragrancia de cujos sexos embalsama ainda as páginas da historia de seus povos.

Foi tal a impressão que me produziu a frase final nos lábios de Hertha, que estive a ponto de fazer estalar um sonoro "kissen" em suas faces na propicia soledade em que nos encontravamos. Ela continuou tranquilamente:

— Essas mulheres, creio que já supôz, são Maria Theresa, a Pompadour e a fogosa Catharina.

— Austria, França e Russia.

— Exatamente; três nações distintas, mas um só sexo: a mulher.

Não pude evitar. Todas as minhas arterias sentiram-se alteradas pelos centauros da luxuria ao escutar tão petulante conceito e estreitei suas mãos entre as minhas. Se dissesse que houve protesto da "fraulein", mentiria. Se afirmasse que meu impetuoso arrebatamento nela encontrou o menor assentimento, tampouco diria a verdade. Mas, o certo foi que aquelas mãozinhas angelicas permaneceram uns poucos instntes entre as minhas, e que sem a menor repulsa de sua parte não me atrevi continuar o caminho empreendido. Pensei que naquela hora e naquele local, não podia operar da fórma que imaginára e me conformei. E' inegável que as uvas sempre estão verdes para o viandante que não pode colhê-las!

Demos lentamente a volta ao impressionante palácio de fadas, caminhando então afastados um do outro e para recomeçar de uma maneira qualquer o nosso interrompido diálogo, perguntei-lhe:

— E porque o artista as representou núas?

— Não foi por vontade do escultor, mas por exigencia do imperador. Afirmava o nosso grande Frederico que esse era o traje de cerimonias para resolver os mais árduos problemas do Estado.

Foi genial o seu imperador!

— Genialissimo. Como homem foi admirável em tudo.

— Não falemos mais nisso.

— Por quê?

— Porque sou inimigo á "outrance" de toda monarquia.

— Depende de quem seja o que traz a corôa!

— Não, não; não me refiro aos homens; sou inimigo do sistema.

— Lastimo-o, pois eu era uma fervorosa admiradora do nosso Guilherme II.

— Vamos deixá-lo, belezinha?

— De pleno acôrdo. Mas, diga-me, por que estranhou que Frederico mandasse cinzelar núas as suas três inimigas?

— Porque me parece uma atitude pouco nobre num homem da tempera dum imperador.

— O senhor se engana: o nosso monarca não pretendeu ofendê-las, mas sim render uma sincera homenagem á sua beleza. Quer o senhor cousa mais bela que uma mulher formosa, completamente núa?

Novamente experimentei a vertigem sexual que me levantava num fio; e fugindo ao olhar de minha amiguinha, convidei:

— Vamos visitar o Palácio por dentro...

Calçados com uns enormes sapatões de feltro a que obrigam os turistas ao visitar o palácio-museu, cujos pavimentos são muito delicados, admirámos as diversas dependencias e os salões do faustoso solar imperial, acompanhados de um guia que houve por bem desaparecer de nosso lado. Um odor, um aroma se espargia por todas as partes, especialmente nas camaras regias, talvez Hertha e eu...

*
* *

Durante o almoço ou lanche, como queiram denominá-lo, Hertha contou-me um trecho de sua vida. Sua familia fôra uma das principais de Berlim "avant-guerre". Seu

pai, um judeu famoso no mundo das finanças, se arruinara e atualmente só lhe ficara um parco patrimonio que consistia de uma banca de corretagens e a casa apalacetada onde vivia com os seus.

Fiquei atonito ao saber que aquela modesta estenografa que tão amavelmente aceitara o papel de "cicerone" e que agora me mostrava Berlim ao seu bel prazer, era doutora em filosofia, tendo dois diplomas de bacharel em Artes e Ciencias e era quasi proprietária de uma das mais lindas vivendas de Tiergartesttrasse.

— A guerra — dizia ela — deu fortuna a muitos e derrubou outros. Meu pai especulou num contrato de retro-venda mas no momento da revindicação a moéda nacional estava tão baixa, sofriamos a terrivel depressão, que lhe foi impossivel solver o compromisso assumido no dia da assinatura. Contudo teve uma boa visão, pagou como poude mas salvou a sua banca e a casa onde vivemos. Foi quando cada um de nós procurou colocação.

— Ele teve uma estupenda tática comercial!

— *Ya*, pudéra que assim não fosse: é nobremente judeu. Mas, desde que terminou a hecatombe, meu bom pai nos obsequia todos os anos com um irmãozinho que vem agravar a nossa presuposta vida modesta, mas no reverso nos garante contra eventualidade e na maior prolongação do direito de ocupar a propriedade da casa. No

entanto, estamos em tramites de fazer uma transação: vender a casa e repartir o produto entre nós.

— Mas, nesse caso, seu pai ficará sem lar para seus irmãozinhos?

— Não julgue assim. Um judeu quando diz ter perdido dinheiro num negocio, é porque dobrou o seu capital.

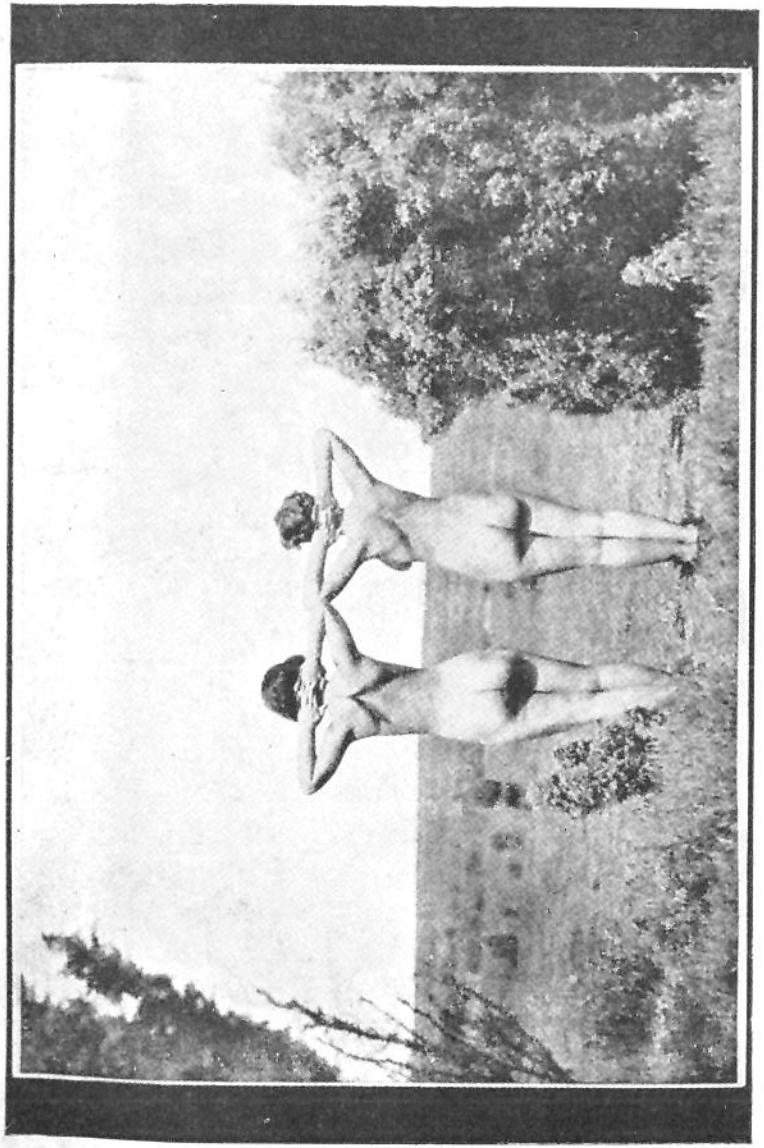
— A Judéa é imortal!

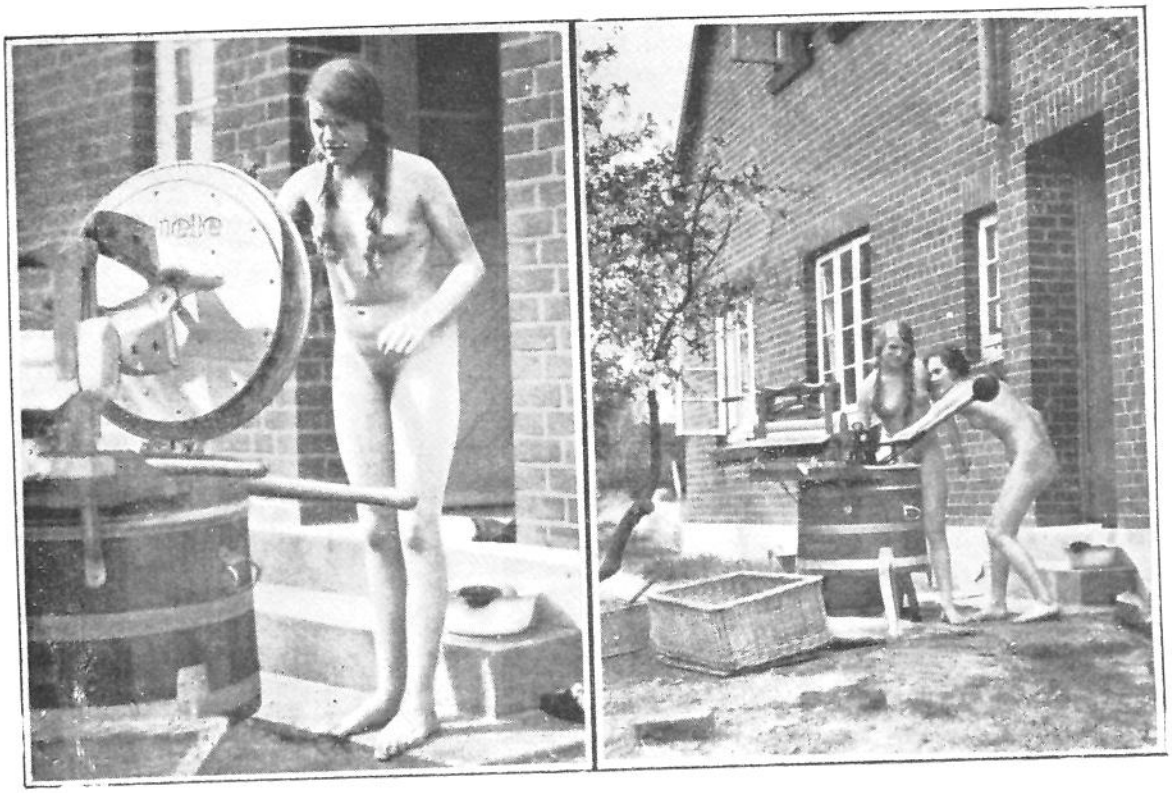
— De fato, mas advirto-o de que meu pai já não é mais judeu, pois conta com uma ascendencia alemã de mais de cinco gerações.

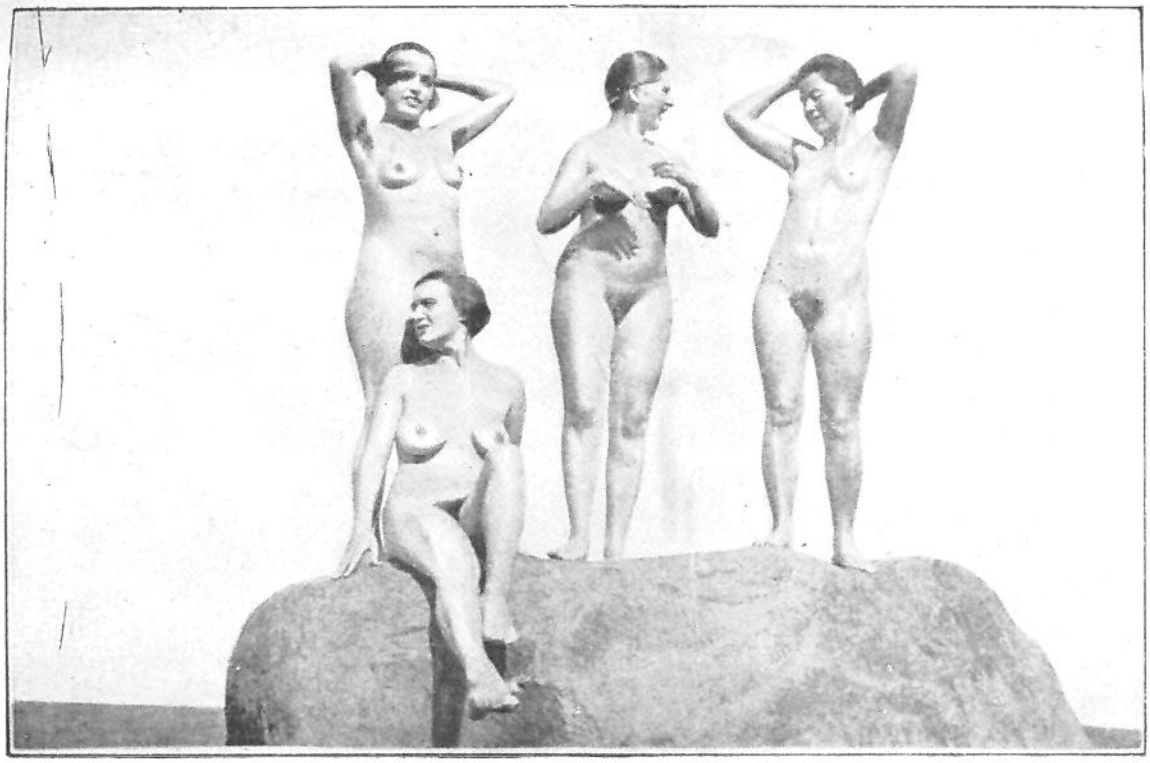
Enquanto Hertha ia contando os graciosos episodios da vida de seu genitor, eu a contemplava e me encantava vê-la comer com substancial fruição tudo quanto lhe punham á frente. Tudo nela transpirava saúde, graça, euforia, plenitude. Era um bom garfo, a minha amiguinha! Ao seu lado, era forçoso tambem comer para não caír em ridiculo.

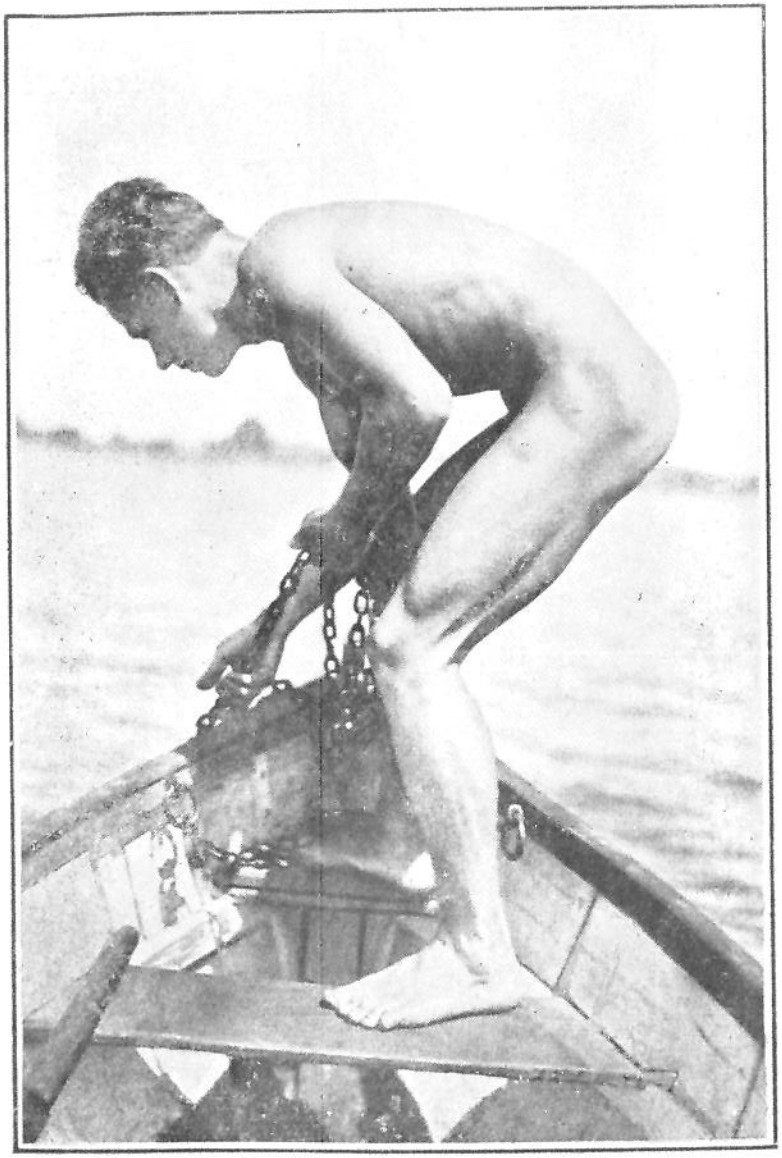
Pedi uma garrafa de champanhe da qual ela compartiu com infantil alvoroço, pois confesso que ao pedí-la pensei mais em animá-la, em fazer perder um pouco o capricho, que em obsequiar como na verdade merecia tão encantadora "cicerone". Tomamos café que longe estava de ser o Santos 4, e convidei a saborear um "bout doré".

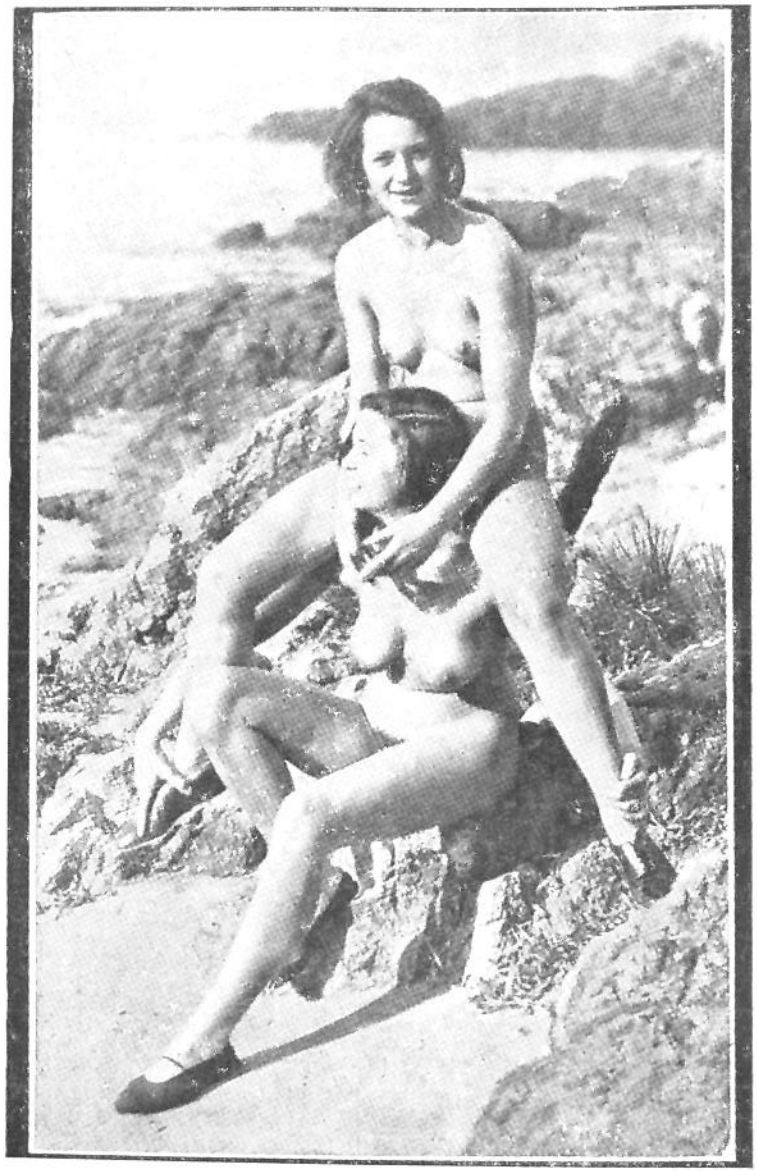
— Obrigada, não fumo — disse ela levantando-se e arqueando o busto num delicioso despreendimento que flexionou com a linha saliente seus adoráveis seios.

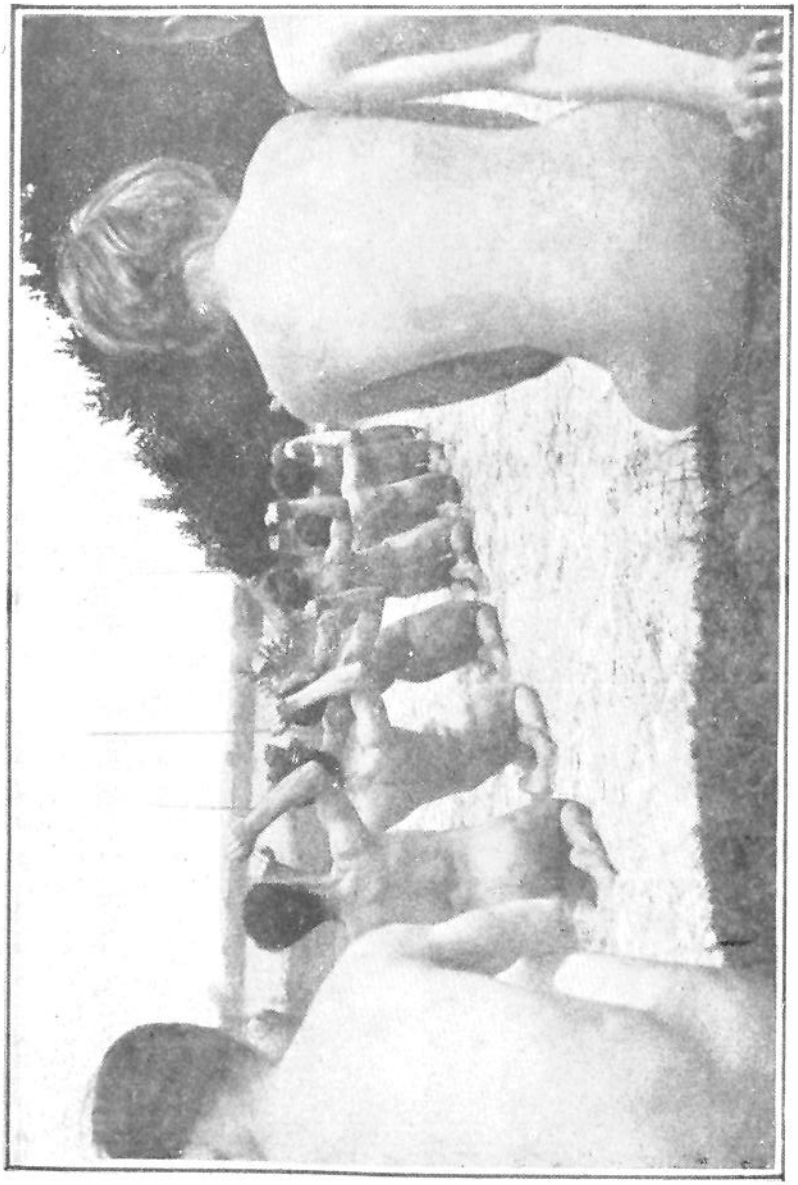


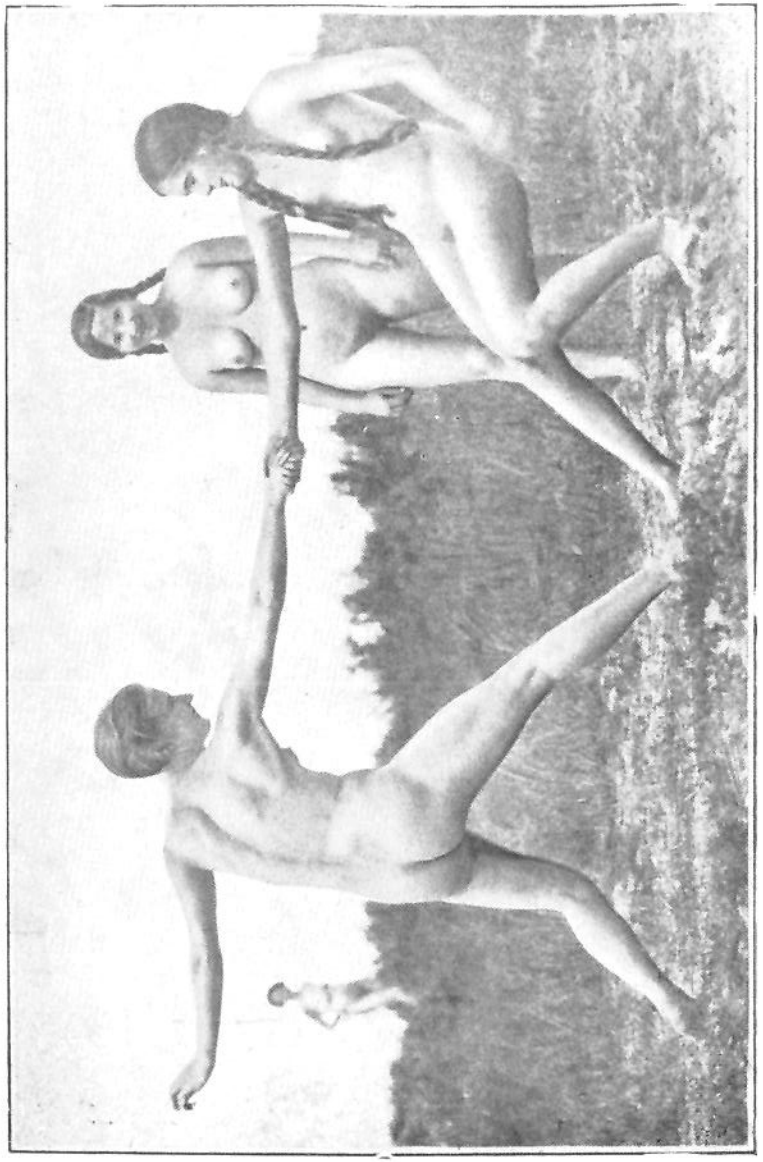












— Mas, agora é moda as mulheres fumarem!

— Sei disso, mas não gosto. Meu noivo tambem não fuma.

Fiquei novamente atonito. Acabava de ouvir a mais desagradável das notícias.

— Ah! Então a senhorita está noiva?

— Como não! Um rapaz bonito como um Hercules. Um tanto moreno como o senhor, mas possuidor de um olhar... menos penetrante que o seu... Talvez terei ocasião de apresentá-lo. O senhor verá que sorte que tenho!

Não sei porque, mas um leve asco passou por mim como uma rajada cortante de frio glacial. Não podia conceber que uma garotinha de "bisquit", tão jovial tão despreocupada... tivesse um noivo! Não gostei da notícia.

— O senhor vai comigo? — perguntou-me, começando a andar.

— Onde?

— Ao lavatorio. Já é tarde e não podemos perder tempo. Preciso arranjar-me, pois passamos a manhã entre a poeira dos nossos antepassados!

Gostei do convite e não esperei que o repitisse. Segui seus passos como um automato e minhas pupilas não se apartavam um momento de suas morbidas flexibilidades, que ao andar se agitavam rotundas e tentadoras.

Um novo assombro me esperava no lavabo. Entrar,

desapertar o cinto, desabotoar e tirar a blusa, foi obra de poucos segundos para Hertha. Pensei: a que cousa se propõe essa diabinha de menina sem senso, pois não fazia três minutos que falava de seu noivo com tanto entusiasmo? Fechei pressuroso a porta do lavatorio para evitar indesejável intromissão de estranhos e esperei que continuasse sua espoliação.

Já livre da blusa, encheu a pia e começou a jogar agua pelo rosto, pescoço e ômbros. Eu estava verdadeiramente desconcertado. Tinha ela o colo levemente coberto por uma camizinha de casa, que me oferecia a visão de uns lindos seios em botão e suas louras e compactas axilas. Julguei que era o momento mais aportuno para iniciar-me e sem cerimonia acerquei-me da pia disposto a descobrir minhas naturais intenções. Ela continuava mechendo n'agua em abluções com verdadeiro deleite, e uma das minhas mãos foi pousar no torneado braço que se me oferecia nú. Sem o menor espanto, apanhando com naturalidade a toalha, fez lugar a um lado e deixou-me espaço enquanto se enxugava.

Ignoro se a minha acompanhante déra conta de meus propositos. Creio que sim, pois por uns minutos a nossa situação parecia embaraçosa. Lavei ligeiramente as mãos e aproximei-me de novo de Hertha procurando a toalha para secar-me. Tomei uma ponta enquanto que ela passava

o extremo pelos braços e axilas, e perguntei-lhe arrastando a frase:

— Quer que a ajude?

— Não, não ha necessidade. Já estou pronta.

Soltou a toalha e apanhou a blusa, disposta a vestí-la.

— Mas ainda está escorrendo agua das costas, — disse eu advertindo-a e aproximando-me. Seus grandes olhos azuis ficaram olhando com tal fixidez e energia, que me pareceu oportuno deixar as cousas para melhor ocasião.

Depois de abotoar a blusa, levantou graciosamente a sáia até o meio da coxa, puxou as calças de rendas, desapertou o cóz da sáia, empurrou a blusa para dentro e colocou o cinto. Depois esticou as pernas, fez estalar as ligas prendendo bem as meias, alisou os cabelos e ageitando o chapéu, sem nada dizer, deixou o lavabo, abandonando-me um tanto confuso e desorientado, pois não podia discernir a que classe de mulheres pertencia aquele diabinho de saias, que ao mesmo tempo exibia ante o nariz as partes do corpo. Dei tratos á bola e acabei por me convencer que, pondo de parte o natural pudor pelas poucas horas que nos conheciamos, uma garotinha esbelta e desembaraçada se portava dest'arte diante de um homem crendo que poderia ter tanto um noivo como dois.

CAPITULO V

MINHAS PRIMEIRAS VISÕES NUDISTICAS

Seriam cerca de cinco horas quando tomamos um taxi em Potsdam para regressar a Berlim. A tarde estava tibia e balsamica. O auto corria pela linda estrada verdejante campinesca e a essa hora os bosquezinhos de árvores asssemelhavam-se a agrupamentos de pares amorosos. A planura era extensa e se limitava pelo horizonte. Salpicavam a paisagem, de um verde vivo e fresco, pequenos nucleos de chalés que pareciam limpos e construidos num presepe. As casas ao longo da estrada eram de construção recente e todas cuidadissimas em seu exterior.

Logo cancei de olhar o panorama e não sei se pelo efeito da monotona igualdade da planura ou porque me pareceu muito mais interessante contemplar o que tão perto

de mim tinha, digno, devéras, de todas as contemplações.

Hertha se acomodara num dos angulos do carro e suas carnes se agitavam como vibrações de nata devido ás oscilações do auto. Ao olhá-la tornei a sentir um arrepio medular que ela me provocava. Mas, não me atrevia a atirar-me. Aquele seu olhar no lavabo... Suas maneiras lentas e equilibradas...

Não importa: quando uma mulher nos chama com os braços da sensualidade, não ha força humana que sujeite nossos nervos. Olhei-a e sorri. Ela correspondeu ao meu sorriso.

— Acho-a muito simpática, Hertha — disse com voz um tanto enrouquecida.

— *Merci, cher monsieur*, o mesmo digo do senhor.

— Sabe que é muito bonita? — acrescentei mais intencionalmente.

Não me respondeu. Outra vez uma invisivel cortina se interpôz ante nós. Depois de um curto silencio, insisti:

— Sabe em que estava pensando?

— Creia-me, não posso atinar.

— Pois pensava e continúo pensando que uma viagem ao Brasil consigo deveria ser uma verdadeira delicia. Não gostaria?

— Oh! como não. Mas, as minhas obrigações não me permitem. E além disso meu noivo, ou melhor, eu

propria não suportaria uma tão grande separação. Estamos muito enamorados!

— Quem? Ele?

— Eu.

Aborreceu-me a resposta da garota. Acendi um cigarro disposto a não insistir no assunto. Mas, Hertha, como se gosasse em atormentar-me, disse:

— Rodolfo é muito compreensivo e estou certa que não se oporia se a viagem fosse de meu gosto.

— Pois não acabou de dizer que assim era?

— Mas tambem lhe disse que não podia suportar uma longa ausencia, pois estou muito enamorada de Rodolfo.

Estive a ponto de estalar. Esmaguei o cigarro contra o postigo do carro e deixei-me caír sobre o respaldar. Assim passamos um lapso sem pronunciar palavra. Ela recomeçou o diálogo.

— Deve ser muito linda a sua terra. Como gostaria de comer bananas nas plantações; aqui são tão raras e caras!

— Lá com um "pfening" compra-se uma duzia. Mas, quanto á viagem, aconselho-a a que não faça, pois quando se está enamorado, nada ha de bonito no mundo longe do amor.

O meu mote não escapou á sagacidade da minha

amiguinha, e notei que sorria, meneando a cabeça, como se me compreendesse.

— De que se ri? — perguntei quasi com violencia.

— De nada. Continúo na mesma opinião que os brasileiros, principalmente os levemente morenos como o senhor, são muito simpáticos. Creio que não o magôo com a minha sincera opinião!

Como posso enfadar-me com uma pequena que diz cousas tão suaves e que tem sob as sedosas palpebras dois olhos azuis como os que Hertha tinha? Não me senti agastado por ser levemente moreno — o moreno na Alemanha equivale no Brasil ao mulato —. Mas. pareceu-me elementar guardar um daqueles silencios reservados exclusivamente para as grandes solenidades. Creio que nossos pensamentos se acordavam em cousas muito distantes. No entanto, assim não era: eles ali estavam um perto do outro, palpáveis, sem saír do auto.

Faz calor, não é verdade? — perguntou ela com intenção que não precisava aclaração alguma.

— Assim acho, *fraulein,* e um tanto asfixiante.

A situação era realmente desagradável, porém Hertha e eu procuravamos esguelhá-la para evitar uma ruptura que se tornava iminente num temperamento como o meu. E assim continuamos conversando sobre mil bobices que nem a ela nem a mim interessavam.

Ao chegarmos ás imediações de Wansee, ela mandou parar o taxi, saltou e com assombro incomensurável propoz-me que tomassemos banho naqueles deliciosos lugares. Banho! Tomara-o no hotel! Não obstante, um brasileiro acede tomar banho ainda que seja no Polo Norte, quando o convide uma pequena de dezoito anos, e com a qual muito se simpatiza.

— Existem estabelecimentos balneários em Wansee? — indaguei.

— Para quê?

— Ora, para se mudar de roupa.

— Oh! Não tomo banho de roupa. Isso é uma estupidez! existem aqui lugares solitários para se tomar banho á vontade. Compreende-me?

Como explicar-me, como pintar ao leitor o efeito que me produziram tais palavras? Ia ela banhar-se núa? Na minha frente? Sem *maillot?* Estaria maluca a pequena? Queria oferecer-se aos meus — porque não ser franco — impudicos olhares, sem, ao menos, um *cachesexe?* Decididamente um de nós tinha um parafuso de menos na cachola.

Não preciso dizer que acedi gostosamente ao tentador pedido e me dispuz a gosar do afrodisiaco espetáculo que me esperava. Mas, disse com meus confidentes botões:

estará esta garota pondo-me mél na bôca para logo fazer-me tragar uma colherada de sal amargo? Não dissera que Wansee havia lugares solitários? Pois bem: veremos então quem rirá por ultimo, pois rirá com mais gosto.

Saltando como cabras descemos o verdejante vale e de mãos juntas começamos a correr pela macia relva. Era uma delicia ver Hertha entregue á alegria ingenua de sua juventude e maior delicia ainda era que, casualmente, minhas mãos puderam provar, em acidentados aconchegos, a plenitude e doçura de suas carnes roseas e divinamente torneadas.

Por mais de uma vez, ao passar sob as ramas caídas das árvores, nossos corpos se chocaram e isso me produzia sensações alucinantes. Ela não concebia importancia alguma, mas eu tinha sagacidades cerebrais e me esforçava para que não me atraiçoassem.

Assim corremos pelos prados. Hertha parecia uma corça e eu contemplava a sua glacial silhueta, talhada levemente no vestido pelo ar primaveril que descobria de quando em vez e deixava adivinhar ao preguear-se sobre a carne, sua maravilhosa escultura.

Corriamos ha um quarto de hora quando uma repugnante visão veio perturbar nossos plácidos enleios. Um homenzinho, peludo como um urso, acabava de surgir das aguas como um Tritão ante nós, mas completamente nú:

parecia uma féra antidiluviana. Sem mostrar apreensões pudibundas ao dar conta de nossa presença, entrou pela mata e sob uma copada árvore se acomodou tranquilamente.

— Que indecente espetáculo nos está dando esse homem! — exclamei sinceramente alterado.

Hertha parou e olhou numa atitude de incompreensão.

— Indecente? Por quê?

Fixei em suas pupilas as minhas: olhei o homem da caverna, cuj acabeça assomava por cima da relva e soltei uma sonora gargalhada, limitando-me a comentar:

— Ah! por nada! *Cherie mademoiselle!*

E continuamos margeando a ribeira.

Wansee é um dos lugares mais atrativos dos arredores de Berlim. Devido á tenacidade dos edis da grande cidade germanica, a pantanosidade foi vencida durante muitos seculos e hoje está convertida num verdadeiro paraiso. Nos dias feriados aflue, anheloso, toda a urbe berlinense, e em seus numerosos lagos, limpidos e extensos, todos se entregam ao prazer da agua com uma verdadeira veneração, pois para a maioria a existencia do mar é unicamente imaginária.

A dura lição da guerra, que tantos sofrimentos impoz a uma raça falsamente imperialista, turbada e envenenada pelas doutrinas de Bismarck, agiu como saudavel revulsivo e agitou o mais profundo de seu sêr; e o que era nela uma

armadura de irritante e desgraçada belicosidade, tornou-se agora num grande amor pela natureza e simplicidade de costumes, que margea as raias do paganismo.

Tudo que se construa de maneira arbitrária para separar ou anexar uns povos aos outros, serão trincheiras odiosas, serão transitos inestáveis que, longe de apagar raças, caracteres e tipicismos, contribuem a que o homem conheça por reação seus verdadeiros amores. Amar a pátria no Estado, é um amor beócio e puramente centurionico; amá-la na terra, é um sentimento humano.

Mas deixemos de tão estemporaneas divagações e contemplemos extasiados o interessante espetáculo que minha formosa Hertha se dispunha a oferecer-me. Por todos os deuses da terra e por aqueles que se deleitam nas etereas regiões do Olimpo, juro que Hertha estava louca ou eu estava vendo visões.

Como não acreditar no que meus olhos viam? Esta exclamação sincera deu conta do que a adorável *maedchen* fazia em minha presença. Ao chegar a um sombrio remanso da Wansee, no espesso bosque que bordeia o imenso lago, começou ela a despir-se, sem preocupar-se em procurar um recanto que a livrasse de meus olhares. Fiz-me de distraido para evitar que a garotinha tivesse a deplorável idéia de esconder-se atraz dos inumeráveis arbustos que nos rodeiavam. Eis que, de chôfre, deixa caír a sáia e se mostra sem

mais peça de roupa que uma curta *culotte* e uma camisinha de sêda gris.

— Então não vai tomar banho tambem?

Desejava responder imediatamente á pergunta, mas por razões que aos leitores lhes serão facilmente compreensiveis, tardei uns segundos. As coxas de Hertha, tão firmes, tão redondas, tão captivantes atravessavam-se-me na garganta e as palavras não me afluiam com a devida ordem.

— Não; estou um pouco resfriado — respondi com embaraço — além disso, o tempo não está muito convidativo...

Ficou-me olhando com os braços arcados na cintura e as pernas separadas, como um garoto á espera do tiro penal contra sua méta.

— Mas, não me diga! Será o senhor um gato escaldado d'agua e capaz de vir aqui sem provar as delicias desta formosura de agua, tão limpa e transparentemente refrigerante?

— Que quer a senhora! Não é meu costume tomar banhos frios em... Preciso primeiramente habituar-me com o ambiente, creio que depois...

Foi então que comecei a perder o mundo de vista. A afrodisiaca walkyria acabava de desfazer-se do ultimo trapo, e eu a contemplava atonito, totalmente núa, como

uma estátua de carne da Ave-Venus Fisica que surgisse, não das ondas, mas da selva esmeraldina. Dei alguns passos e pude experimentar uma força irresistivel que me empurrava para aquela flôr encarnada. Uma vaga vertigem se apoderou de minha mente; luminárias astrais cegavam minhas pupilas e todo o meu sêr era um corpo desnivelado que avançava pelo infinito, antevendo a maldosa garotinha como uma pena arrastada por um torvelinho.

Foram inuteis quantos esforços realizara para conter os lobos famintos da luxuria que em mim se aninhavam. Aquela jovem ninfa, fragante, exercia em mim inexplicáveis pressões medulares que me turvavam a mente e atropelavam quantas razões lhes saissem ao encontro. Uma voragem devastava o meu intimo.

Ela, sem dar conta do meu estado, se entretinha em arranjar as roupas, escondendo-as sob os pequenos arbustos e eu seguia seus movimentos com a sagacidade de fauno ante a prêsa indefesa.

Prescrutei em redor e nada vi que a mais absoluta solidão. Nada poderia acudir em defesa da garotinha, caso me resolvesse a investir. Dirigiu-me algumas palavras que não entendi e ao ver que se dirigia calmamente para o lago, avancei cautelosamente, sem que ela pudesse dar conta do meu proposito.

A visão daquele corpo impoluto desabridava meus

sentimentos, enfurecia-os e atirava-os a galope á loucura sexual.

Não sei se por efeito das fragancias da natureza ou pelo voluptuoso quadro que tinha ante os olhos, senti-me embriagado, submergido nos vapores de uma droga narcotica. Tudo girava ao meu redor com impressões enervantes, com alucinações de pesadelo. Circulos concentricos e muito luminosos partiam de minhas pupilas e se perdiam exangues no horizonte. O coração batia intensamente. A lingua pegava-se-me ao céu da bôca. Avancei, mais... mais... mais... como um bandido sedento de vingança, como uma hiena.

Quando já perto dela, balbuciei umas palavras incoerentes e meus braços tentaram enlaçar seu corpo de tanagra. Foi um momento, uma rajada, pois ignoro em absoluto o que naquele instante poderia ocorrer. Perdido o capricho, pulava-me o sangue nas arterias e unicamente recordo que, quando reacionei, minha adorável *puppechen* estava nadando como uma naiade no lago e eu permanecia á margem, com os pés humidos e vendo-a fazer cambalhotas.

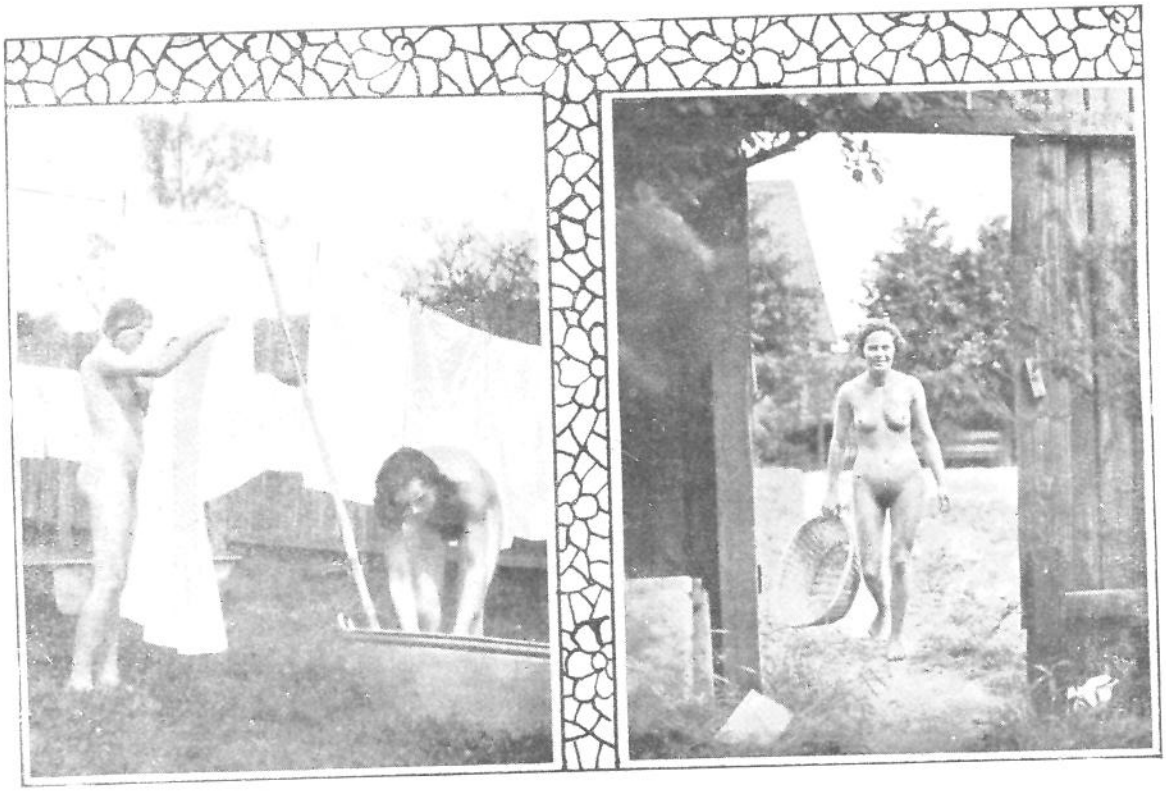
*
* *

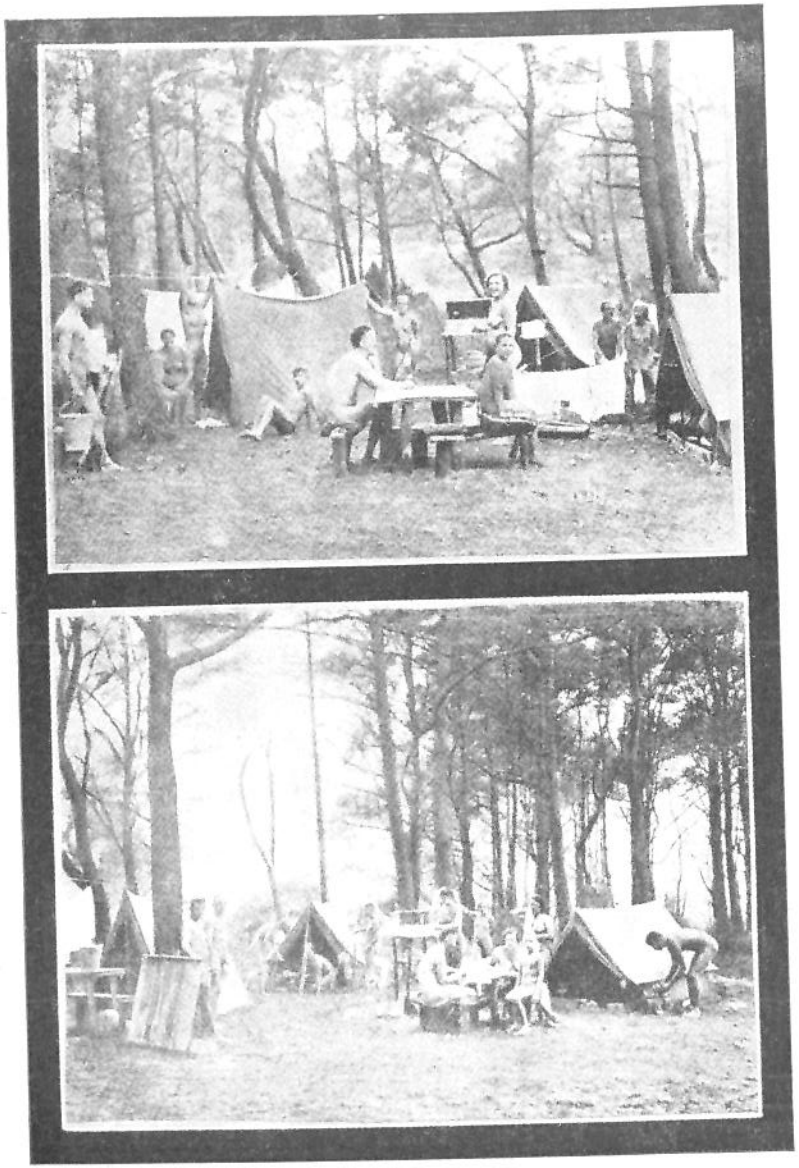
Caía a tarde. De vez em quando subiam ou desciam a corrente, levemente ondeada, diminutas embarcações, na maioria das quais pude descobrir homens e mulheres em completa nudez. A fronde era fragante e a terra desprendia emanações de fecundidade. O ambiente se enrarecia em meu redor. A bestialidade da luxuria não cessava de atormentar-me com seus fremitos medulares. Extendi-me de bruços sobre a relva, repousei a cabeça nos braços e extasiei á vista magnifica da garotinha banhista. Nadava como um peixe e fazia piruetas das mais excentricas.

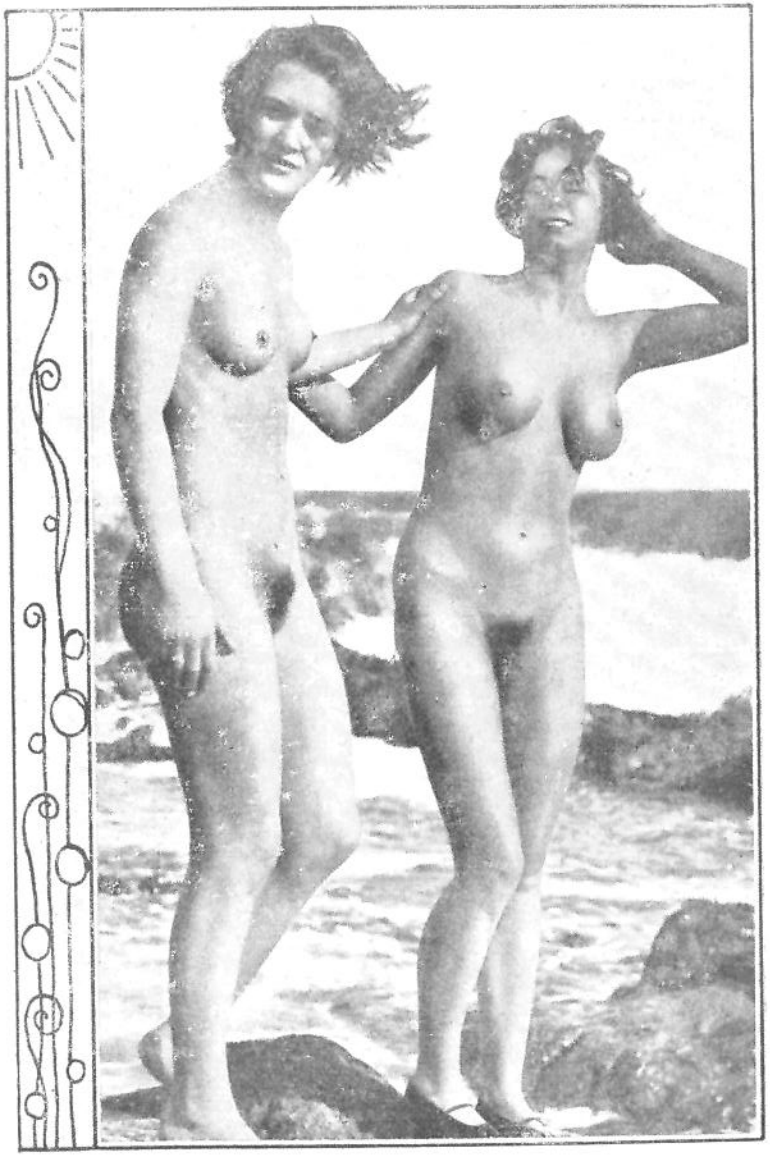
— Então, porque não cai n'agua, "seu" gato? — insistiu de longe agitando alegremente as mãos em sinal de convite. — Isso é delicioso, venha experimentar! Não tema ficar mais moreninho do que é! — *Kommem! Viens!*

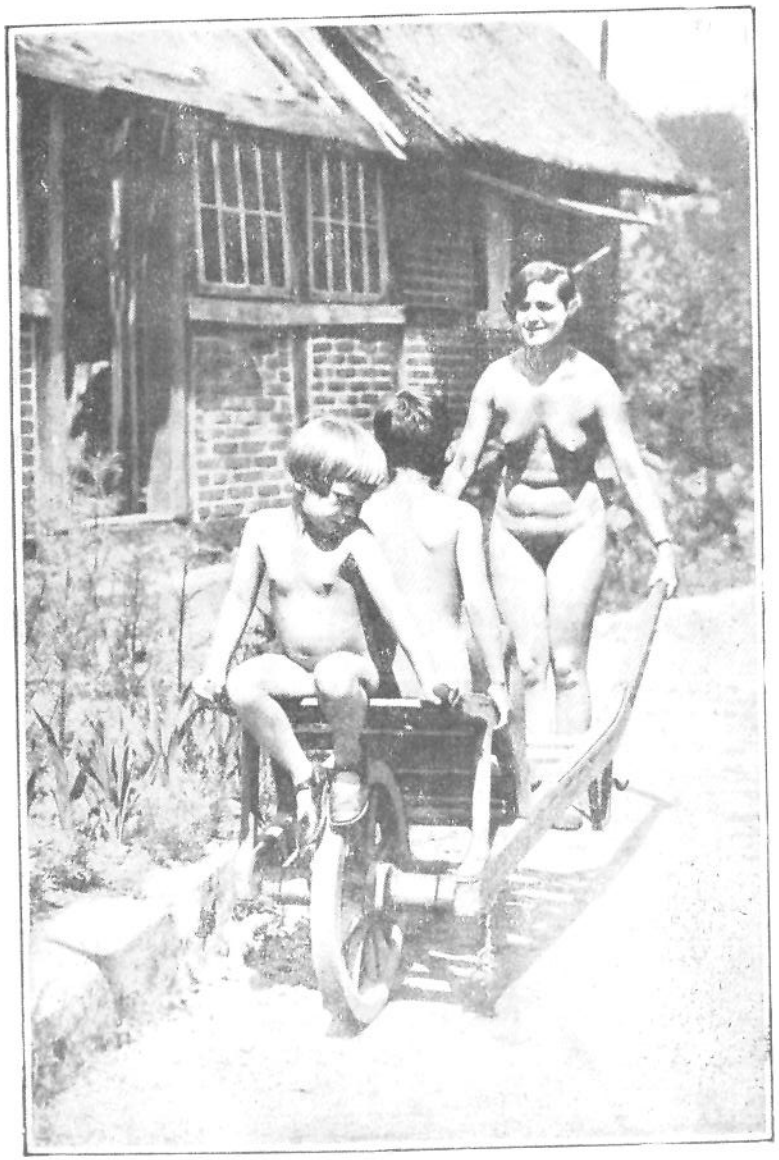
Não, respondi. Não podia. Seu busto emergia da liquida superficie e meus olhos não se apartavam de seus seios, firmes, rotundos, virginais. Sentia febre. Arrastava-me sobre a relva em busca de frescor. Tinha a bôca sêca, crispadas as mãos, rigidos todos os musculos. A animalidade sexual se apoderara de meus sentidos, por longos dias submetido a uma abstinencia forçada...; e aquela mulher se me oferecia núa num lugar solitário...

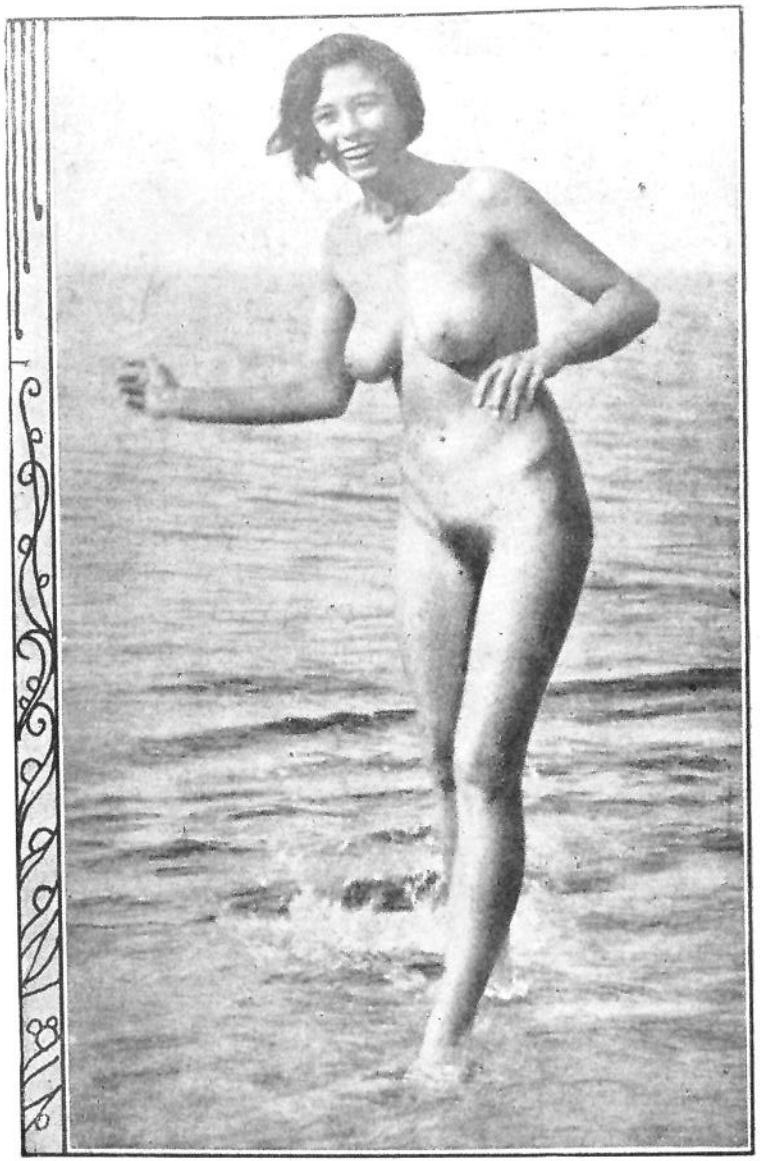
Argumentei como era logico que argumentasse numa situação em que me achava: quando uma mulher se desnuda ante um homem, não tem direito de exigir dele respeito











algum. Os homens homens não são de ferro... (proverbio aretinesco?). Quem não quer poeira não vai na trilha de outrem. E Hertha assim não obrava. Desde o primeiro momento se mostrara prodiga ao mais descarado *flirt* e por tanto nada mais que ela mesma seria a culpada de quanto pudesse ocorrer. Aquelas brincadeiras perigosas acabariam como deviam acabar.

Enervado levantei-me e fui sentar ao pé de uma copada árvore, já quasi decidido a despojar-me da roupa e caír n'agua para não bancar o "gato escaldado". Mas, eis que ela nadava pela margem e pude observar que soltava gritos e fazia gestos á uma longinqua embarcação.

Ao surgir das aguas ofereceu-se de novo aos meus olhares! Julguei desvanecer. Que formosa era! Pygmaleão a teria cobiçado para modelo de sua oferta a Venus. Quanta beleza se encerra no corpo de uma mulher jovem... e virgem! Talvez...

Morria já o sol sobre as aguas que afetavam coloridos metálicos de iriadas policromias.

Sacudindo os braços falava com os ocupantes da embarcação que supuz, á primeira vista, muito longe. Rastejando como um reptil magnetisador, aproximei-me da garota disposto a tomar meus direitos, com roupas ou não, direitos que, com seu inconciente proceder, me déra totalmente. Ela igualmente foi-se aproximando da margem e em pouco nos

encontramos. Não se afastou e nem eu compreendia seus propositos e, eis que batendo alegremente as mãos, saltou em terra e pulando na minha frente, como uma doida, exclamou:

— Lá vem Rodolfo, o meu noivo!

Maldisse a minha falta de sorte ao escutá-la e despertei da letárgia e da dôr latente da realidade.

— Que farei? — tartamudei azarado. — Que faremos?

Ela fixou-me com aqueles lindos olhos azuis e tranquilos e respondeu com singelesa:

— Fazer o quê? Não o compreendo.

— Não quero comprometê-la, senhorita. Que dirá seu noivo se a encontrar aqui... núa e com um homem?

— Mas que quer dizer o senhor com isso?

— Mas estará louca, menina? Não compreende que a nossa situação é assás delicada?

Não fez caso, e num mergulho vi-a perder-se no lago, e momentos depois chegava á orla com o noivo — presumo — de mãos dadas, ambos completamente nús e cheios de uma ingenuidade que pareciam Adão e Eva antes do pecado — assim me afiguraram.

Hertha não mentira. Rodolfo era um verdadeiro efebo, uma bela estátua grega. Alto, harmonioso, forte, denotando nele todos os caracteristicos dum atleta moderno

que se entrega a todos os esportes. Sua péle era de um moreno que contrastava com a suavidade loura de Hertha. Surpreendeu-me seu olhar passivo, quasi bovino. Era um rapazote de vinte anos, o tal Rodolfo.

— Não é verdade que é belo? — perguntou-me Hertha repousando sua cabecinha sobre o torax do rapaz.

Que explendido quadro estatuário formavam nessa atitude! Fiquei emocionado pela beleza do conjunto.

Ao contemplá-los pareceu-me ver um grupo artistico de terra cota com um leve policromado bronzeo. A mais doce emoção estética invadiu todo seu sêr. Não me cançava de olhá-los. Garboso e leonil, ele, como um deus mitologico; debil e feminina, ela era como uma flôr de estufa, produziam a máxima sensação do homem e da mulher, frutos preferidos da mão divina.

— Estamos prontos para casarmo-nos — murmurou Hertha fixando atentamente seu par.

— Almejo-lhe mil felicidades — comentei sem recordar as minhas lubricas tentações.

Sentamos sobre a relva. Conversamos longo tempo em cousas pueris até que enfim pude significar minha estranheza ao vê-los assim pelados... anacoretamente não me sentia...

Hertha interveio maliciosa:

— Vou contar-lhe uma cousa que aliás já devia ter

dito, evitando-lhe ter passado uns maus momentos: nós somos nudistas.

— Não a compreendo, senhorita — atalhei com fingimento.

— Oh! No Brasil não ha nudistas?

— Que delicia seria para nós, pobres mortais! Quer dizer gente que vive núa?

— Isso mesmo.

— Lá ha muita... os indios e indias, mas... como estão... ainda não chegamos a essa... civilização no tropico de Capricornio!

— E' extraordinário. Pois o Dr. Fraenzel afirmou que ha nudistas em todos os paises do mundo!

— Mas... dessa fórma, no Brasil, ainda não.

Hertha deu um esgazeado sorriso.

— Agora acho compreensivel a sua prévia atitude.

Ruborizei ao escutá-la e recordei-me da série de incorreções que com ela cometera, supondo-a uma "serigaita" viciosa. E minha perplexidade foi visivelmente notada pela graciosa amadora do nú integral.

— Não importa — declarou ela muito compenetrada. — Não percebi antes as suas maquinações. No entanto, descobri uma, a de menor importancia.

E dirigindo-se a Rodolfo acrescentou:

— Este senhor, como bom latino-sul-americano, enamorou-se de mim, mas de uma maneira fulminante.

Riu-se bonachonamente e deu um sonoro beijo na face do noivo. Este olhou-me e exclamou complacente:

— Maravilhosa que ela é! Não acha, *mein herr?*

Já era tarde. O sol apenas alumiava. Senti-me um tanto incomodado ao lado daquela parelha núa.

— Vamo-nos embora, senhorita Hertha? — exclamei.

— *Oui, oui, monsieur.* Em dois minutos estarei pronta.

Enquanto se vestia, Rodolfo e eu continuamos conversando sobre esse novo aspecto de vida que eles praticavam e á medida que Hertha ia cingindo as meias e as calças em suas suculentas coxas, pude descobrir um certo alvoroto no olhar de Rodolfo. De repente vi-o levantar-se, tapar o regaço com as mãos e precipitar-se no lago.

— Que aconteceu ao seu noivo? — perguntei á garota.

— Não notou? Creio que se sentiu um tanto impressionado, pobre do meu Rodolfo!

Um grito do rapaz veio interromper o diálogo iniciado.

— Desculpe-me se não me despedi, senhor sul-americano. Senti uma urgencia... malditas caimbras... e não pude continuar ao seu lado...

— Mas, que ocorreu a Rodolfo?

— Nada mais que..., caimbras — foi a resposta da endiabrada Hertha, enquanto vestia a ultima peça de roupa, a blusa.

Já em caminho de Berlim, comentava na minha intimidade:

— Os homens, ao se vestirem, perderam o paraiso... e nos legaram tamanha calamidade para sempre! Que imbecis somos agora!

CAPITULO VI

QUE E' O NUDISMO?

Quão contente se mostrou a pequena Hertha quando lhe dei uma noticia, na manhã seguinte! Tratava-se nada menos do que uma viagem pelos lugares mais pitorescos da Alemanha e por ordem do comercial Kruger ela devia continuar bancando o "cicerone".

Foi pulando de gerencia em gerencia na casa de produtos quimicos onde prestava seus serviços, pois o meu amigo gerente-exportador confessou que sua atribuições não lhe permitiam conceder quasi um mês de licença a uma empregada, principalmente tratando-se de uma estenografa tão competente como Hertha.

Conseguindo eu do maioral a permissão, dispuzemo-nos a saír naquele mesmo dia a uma propriedade de um rico industrial-nudista, não longe de Berlim, onde passariamos uns tantos dias de barriga ao sol.

Tomamos um trem na Potsdamer Platz e empreendemos a viagem sem mais equipagem do que a que levamos sobre nós. Rodolfo fazia parte da comitiva, mas igualmente sem bagagens, pois isto é uma das vantagens do nudismo.

Isso de tirar toda a roupa que trazemos no corpo e não procurá-la senão depois duns quinze dias, parecia-me um tanto transcendental na vida de um homem sério como eu. Porque, cousa rara que não sabia compreender no momento de subir no trem, para dirigir-me ao campo nudista do ricaço parente de Rodolfo, não déra conta de que eu era um homem industrial, sério, embora solteiro mas com dois diabinhos de irmãos a orientar na senda tortuosa da vida, e igualmente não me parecia razoável que um cidadão nestas condições se atirasse á vida pouco titubiante que ia abraçar.

A cousa era para ser ponderada com mais calma. Que diriam os que se inteirassem da minha aventura? Que pensariam de mim as minhas relações comerciais no Brasil? Era possivel que um homem que contraira compromissos muito formais no comercio e na industria passasse uns quinze dias completamente nú, comendo, tomando chá, passeando, lendo, escutando o radio, compartilhando de mil cousas com meus companheiros e vendo, aprendendo, o que diz "tudo" — dentro dos limites? — Não me parecia sério, não me parecia ajuizado...

Gostaria que os nudistas imaginassem a deplorável situação de um Santo Padre, repartindo bençãos a uma peregrinação sem outra indumentária que seu grande anel e sua enorme tiara. Certo estou de que os fiéis desistiriam a ponto de propagar suas estranhas e transtornadas doutrinas!

Não, não, repito que a pirueta que ia realizar, começava a desgostar-me. Mas o trem corria, os minutos se passavam e retroceder era impossivel. Hertha e Rodolfo, materialmente pegados um no outro, viviam num momento de inefável felicidade. Cochichavam, riam-se... namoravam.

Um senhor de aspecto respeitoso, nudista fervoroso, depois de muito ponderar as minhas razões de homem sério, assim começou a dissertar, esclarecendo meu atribulado espirito acerca da doutrina nudista.

"Embora o nudismo, as curas de ar e sol, fossem praticadas antigamente pelos gregos, egipcios e outros povos, foi completamente abandonada durante os seculos da idade-média; mas entre 1700 e 1800, alguns medicos de nomeada fizeram uso intenso da helioterápia com fins terapeuticos, mas não lhes foi possivel dar uma grande extensão a estas práticas. Sómente em 1850 aproximadamente, um doutor

alemão chamado Rikli, conseguiu metodizar a helioterápia e fundar uma escola.

"Rikli, para estabelecer seus principios fez muitas experiencias sobre si mesmo e sobre muitos pacientes. Fundou na Austria um estabelecimento de cura por meio de agentes atmosfericos em combinação com as aplicações da hidroterápia e uma alimentação bastante moderada e frugal. Apesar de descuidar da cultura fisica, sendo ele um empirico, logrou estabelecer uma técnica e um método terapeutico bastante perfeitos, graças ao seu talento de observador e de sua clara visão.

"Obteve um resultado extraordinariamente satisfatorio, que logo chamou a atenção de milhares de doentes que acudiram ao seu sanatorio em busca de cura. O resultado foi que não havia sanatorio terapeutico na Europa onde tivesse mais doentes que no do Dr. Rikli.

"Durante cincoenta e cinco anos este facultativo continuou suas observações sobre as curas atmosfericas e os efeitos que estas produziam nos doentes como nos sãos. Desde esse momento começou a divulgação na Austria e na Alemanha do nudismo, da helioterápia, da hidroterápia e da cultura fisica e já antes da grande guerra se contavam só na Alemanha, mais de duzentos e cincoenta cidades que praticavam este regime salutar.

"Hoje em dia, além dos paises centrais, na Inglaterra e nos estados Escandinavos a prática do nudismo não é cousa nova, mas comum; nos paises latinos o nudismo não é conhecido senão por um numero limitadissimo.

"A França foi o primeiro país que imitou a Alemanha e ha um par de anos que se fundaram em várias cidades importantes centros de nudistas e como na Alemanha publicam suas revistas mensais e oferecem vantagens sobre o ponto de vista da regeneração da raça, como tambem para a saúde.

"Em Marselha, a municipalidade pôz gratuitamente á disposição dos nudistas uma ilha situada no Mediterraneo, a pouca distancia do porto. E disso se deduz que o municipio reconheceu a utilidade do nudismo.

"Em Paris foi adquirida por uma sociedade nudistica uma grande ilha no Sena, situada não muito longe da capital francesa. Ali se acham instaladas as colonias dos nudistas permanentes. Muitos lá vão sómente durante as férias. Com esta finalidade construiram um grande numero de chalés acampamentos, não faltando os elementos necessários para praticar todos os esportes. Aos domingos e dias festivos, milhares de pessoas fogem do pó e da agitação parisiense, para passar um dia em completa natureza, gosando em beneficio de sua saúde.

"E' inegável, pois, que na França o nudismo se pro-

pague nestes momentos com grande rapidez como ha muito é intensificado na Alemanha.

"O nudismo para ter a sua máxima eficiencia tem de ir unido ao exercicio, á cultura fisica, aos banhos de ar, de sol e de agua. A sua atuação sobre o corpo será mais ou menos variada e intensa segundo as aplicações dos diversos fatores da terapeutica natural.

"A péle é dotada de milhões de pequenos orificios chamados póros, pelos quais além da secreção sebacea se eliminam um grande numero de substancias toxicas, como o ácido urico. etc. A péle é um orgão respiratorio, pois por ela se faz um intercambio de gazes com o exterior. Algumas funções da péle estão relacionadas com a atividade de outros orgãos, como os pulmões e os rins, sendo o trabalho defeituoso da péle prejudicial para os ditos orgãos.

"A péle do homem de hoje, completamente vestido, está mais ou menos atrofiada e degenerada, funcionando deficientemente e não sómente isto, mas muitas pessoas em consequencia disso sofrem molestias da péle.

"O nudismo pode devolver á péle sua máxima capacidade e funcionamento além de contribuir para a cura de um grande numero de enfermidades relacionadas com a mesma.

"A mudança de temperatura sob a influencia do sol e do ar, produzem constantemente contrações e dilatações

no sistema capilar da péle e além disso ativam nela todos os processos vitais. Este aumento vital, dá á péle o poder de tornar-se mais elastica e resistente, mas com mais suavidade por desaparecer nela os orgãos e outros defeitos irregulares.

"O nudismo endurece e diminue a sensibilidade contra a mudança da temperatura devido á maior capacidade de adaptação da péle e a melhor circulação do sangue.

"O senhor, como brasileiro, vivendo num país onde o sol é um privilegio excepcional no mundo, se praticasse o nudismo verificaria, como aliás irá aqui verificar, os efeitos dos banhos de sol e de ar, junto com exercicio. O corpo humano é composto em sua parte essencial pelo tronco no qual se encontram todos os orgãos vitais, como: o aparelho digestivo, o estomago e intestinos, figado, etc., além do aparelho circulatorio, pulmões, coração, todo o sistema glandular, as glandulas de secreção internas e os mais importantes centros nervosos.

"Além de todos estes orgãos deve-se não esquecer do aparelho genital com suas glandulas germinadoras, os ovários na mulher e os testiculos no homem, as quais por sua secreção interna têm uma grande influencia sobre a economia e a função dos demais orgãos.

"Pois bem, se as partes do corpo onde estão quasi todos os orgãos de importante função ficam cobertos pelo

traje, então estes não podem receber na devida fórma as influencias da terapeutica solar. Sabido é que os raios solares não passam através dos trajes e ainda menos se forem de côr escura. Os braços, as pernas, que são sómente membros auxiliares do corpo e que não contêm orgãos vitais, são os unicos que ficam expostos.

"Portanto pode-se afirmar que um banho de sol com traje de banho, não é banho de sol para o homem, mas unicamente para seus braços e pernas, motivo pelo qual os resultados que se obtêm são muito poucos, a não ser que estes sejam aumentados por meio de exercicios.

"Todo banho de sol é ao mesmo tempo um banho de ar, um banho de luz e um banho de calor. A estes variados agentes deve-se atribuir a ação favorável da helioterápia e sabemos — nós os nudistas — que estes são indispensáveis para o perfeito desenvolvimento do corpo. Por esta mesma razão seja na praia ou na montanha, sempre é preferivel tomar banhos de sol ao ar livre e combiná-los de vez em quando com o exercicio fisico. O banho de sol integral fará bem por igual sobre todas as partes do corpo.

"Se bem que para receber os máximos efeitos dos raios solares ha que se expôr o corpo nú, deve-se proteger a cabeça contra os mesmos, pois esta facilmente se congestiona. O que tiver muito cabelo pode pouco a pouco se

acostumar com a cabeça ao sol; não ha perigo; mas os carecas..."

O bom predicante parecia um padre, tentando catequizar uma alma selvagem, mas a minha era já um tanto... civilizada. E enquanto eu ouvia complacente o sermão naturalista e salutar, passava os olhos pelas paisagens que se divisavam das janelas do trem, e já me via em pleno espaço, entre as delicias do nudismo, admirando as fórmas mais sedutoras, que antes já me estasiaram e que haveriam de me estasiar dentro em breve: as de Hertha e talvez outras mais formosas walkyrias.

E comigo mesmo suspirava — como o leitor — "quero ser do nudismo", senhores livre-cultores do corpo!

As minhas fantasmagorias foram interrompidas por um grito da garotinha "fraulein" que batia nos joelhos do meu sisudo e dissertador nudista e cuja preleção me passara como uma nuvem fugitiva.

— Chegamos? — perguntei com precipitação.

— Sim, *ya*, *ya*. Vamos saltar depressa pois o trem faz uma parada de um minuto — atalhou o atleta Rodolfo.

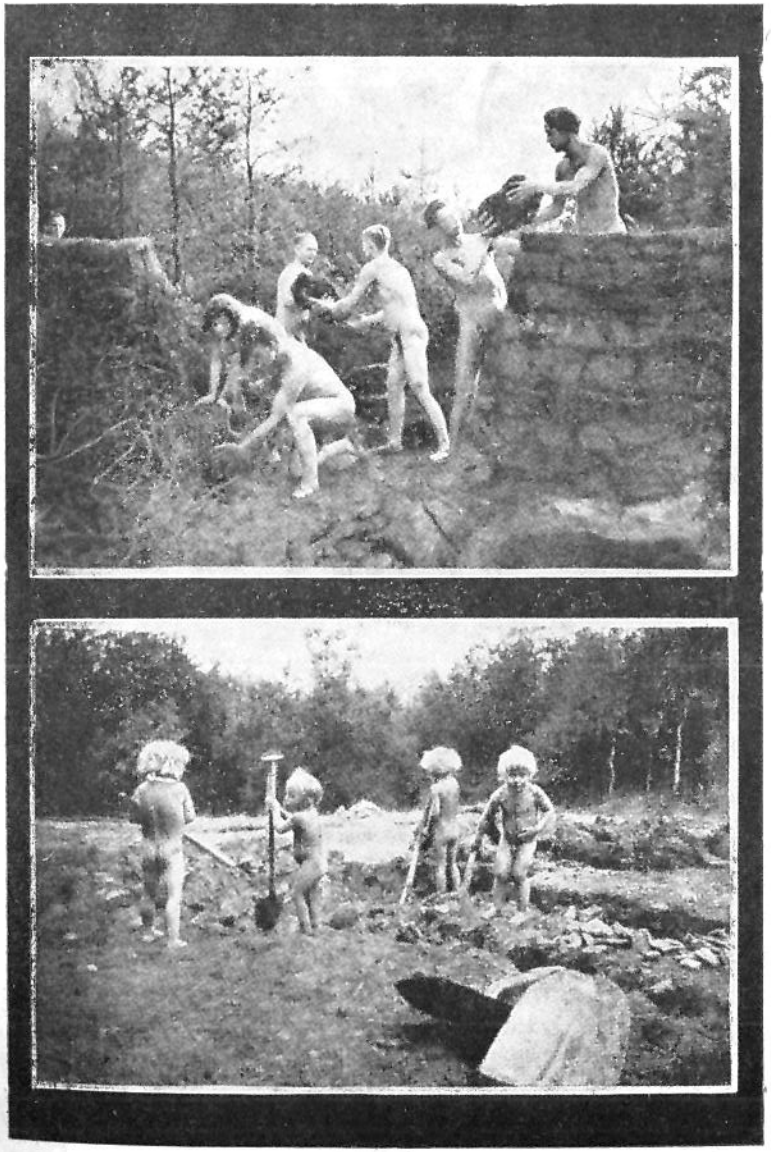
Ainda sobresaltado levantei-me e, maquinalmente, procurei alguma cousa no aparador e sob o assento.

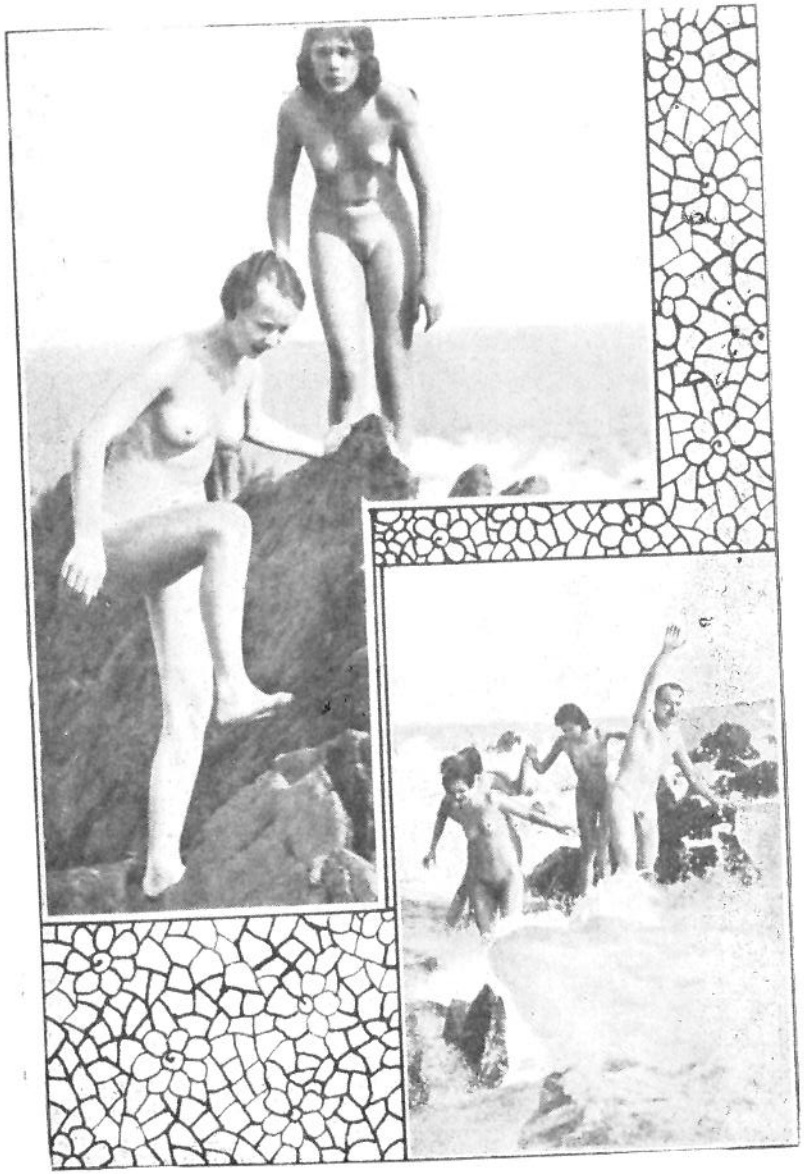
— Que procura o senhor? — indagou Hertha.

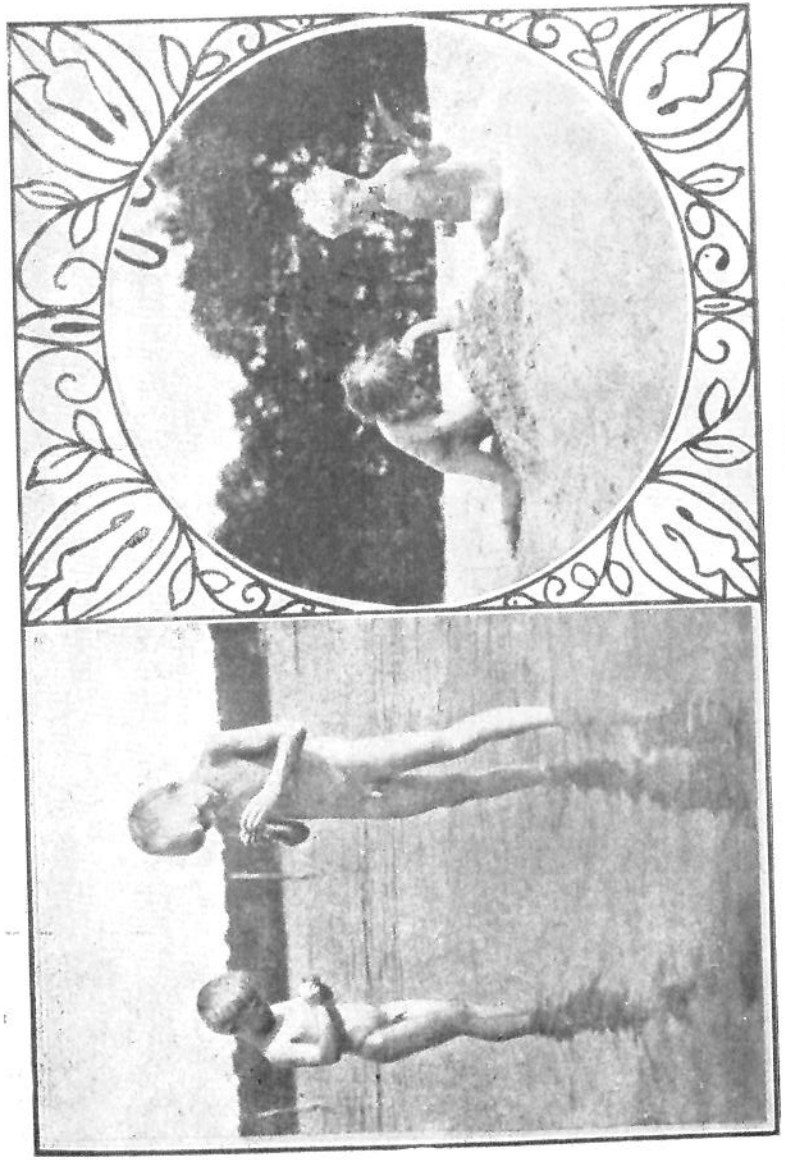
— Minha valise! Minha pasta!

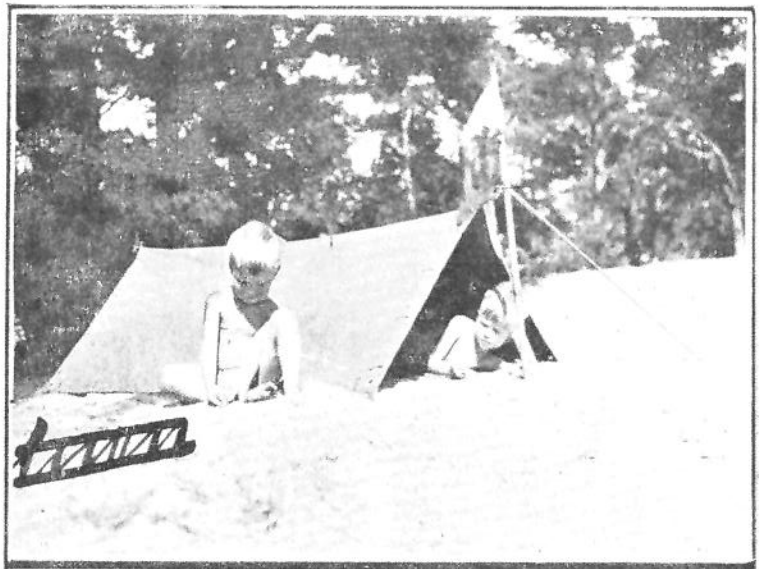
— Mas se não trouxemos nada disso!

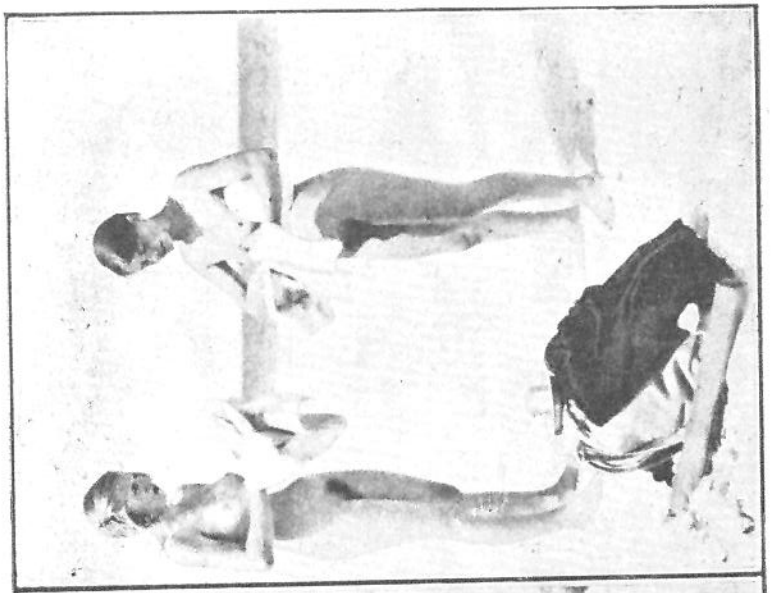
Bemdisse mentalmente o nudismo que me permitia saltar do trem com as mãos nos bolsos e assoviando uma canção trivial da minha terra — "O teu cabelo não nega..." — e saí correndo atraz dos meus companheiros.

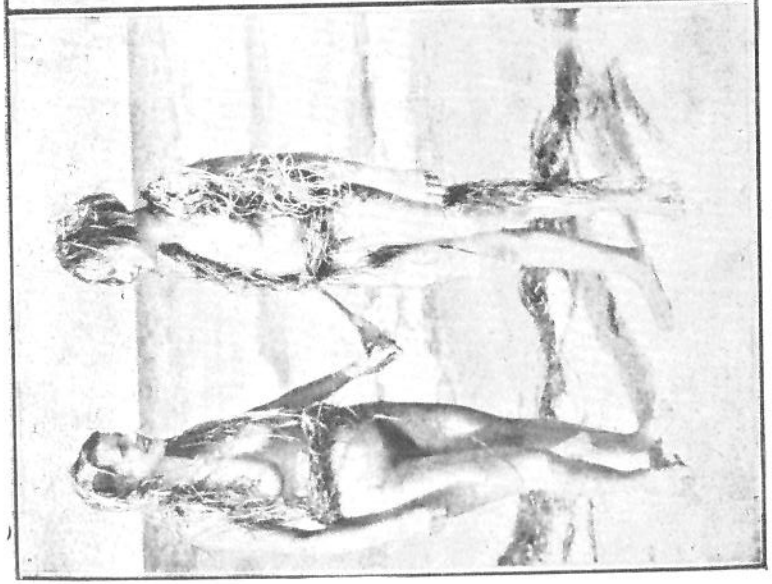


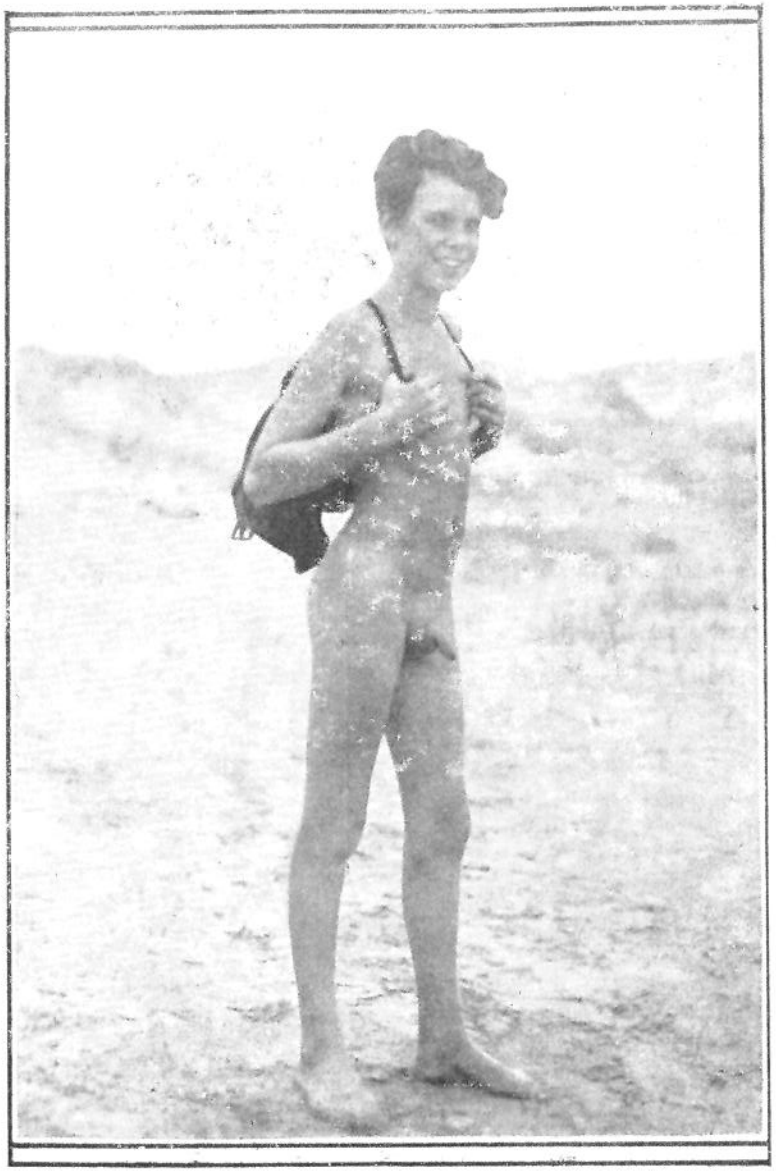


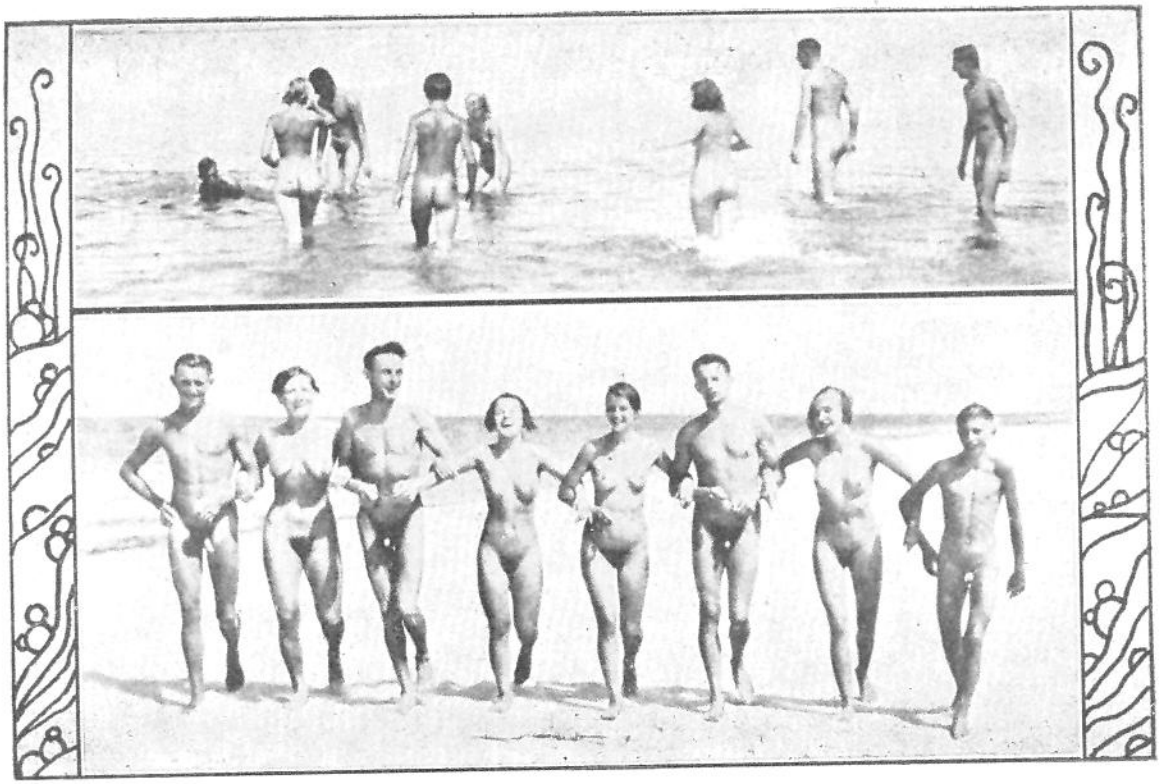


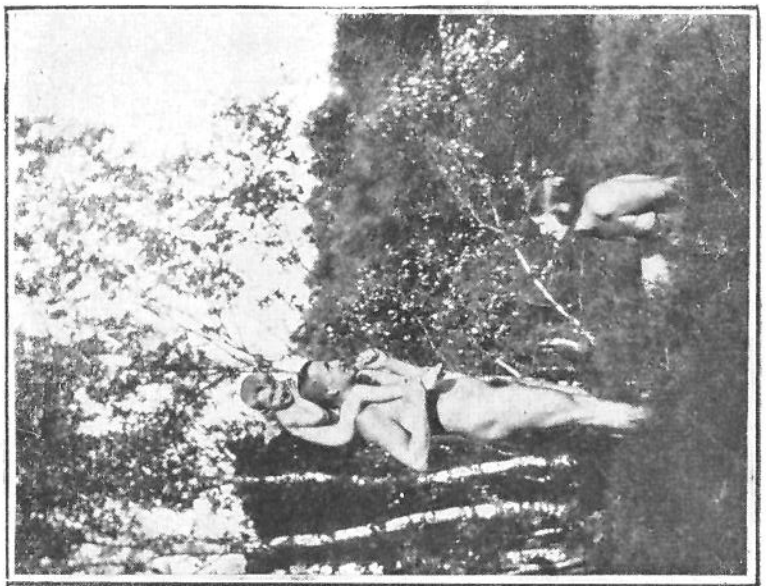


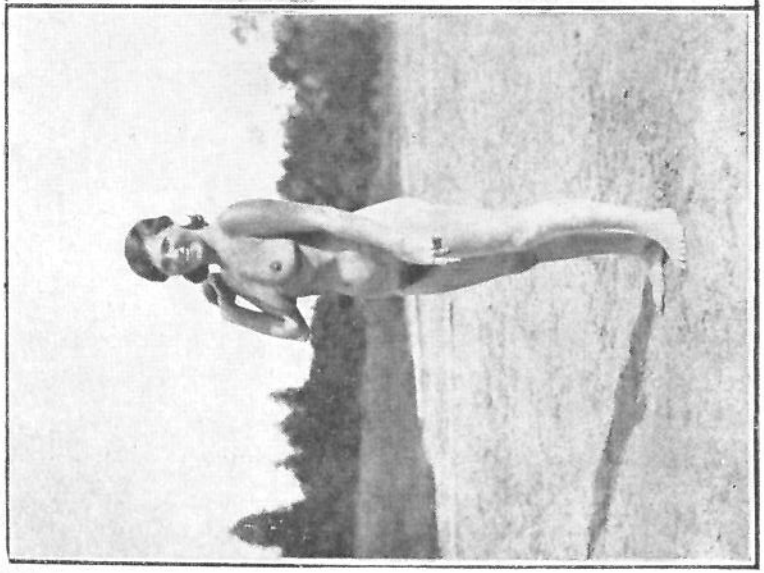


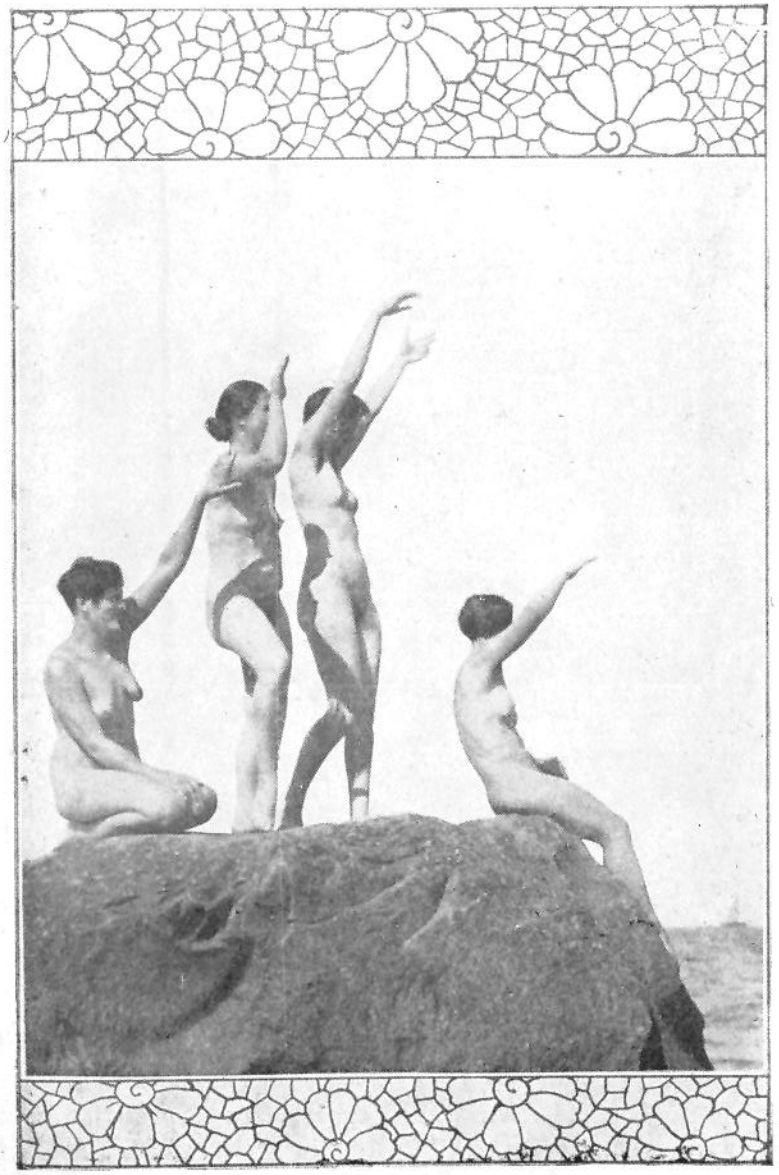


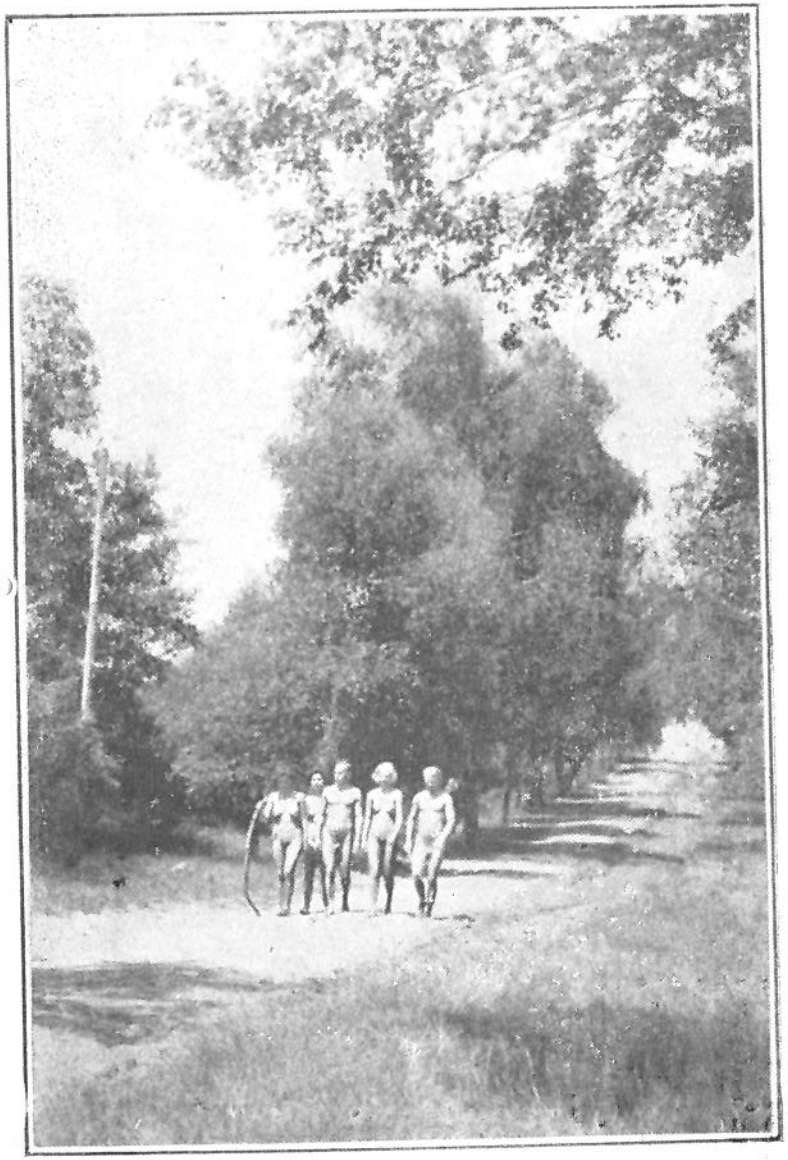


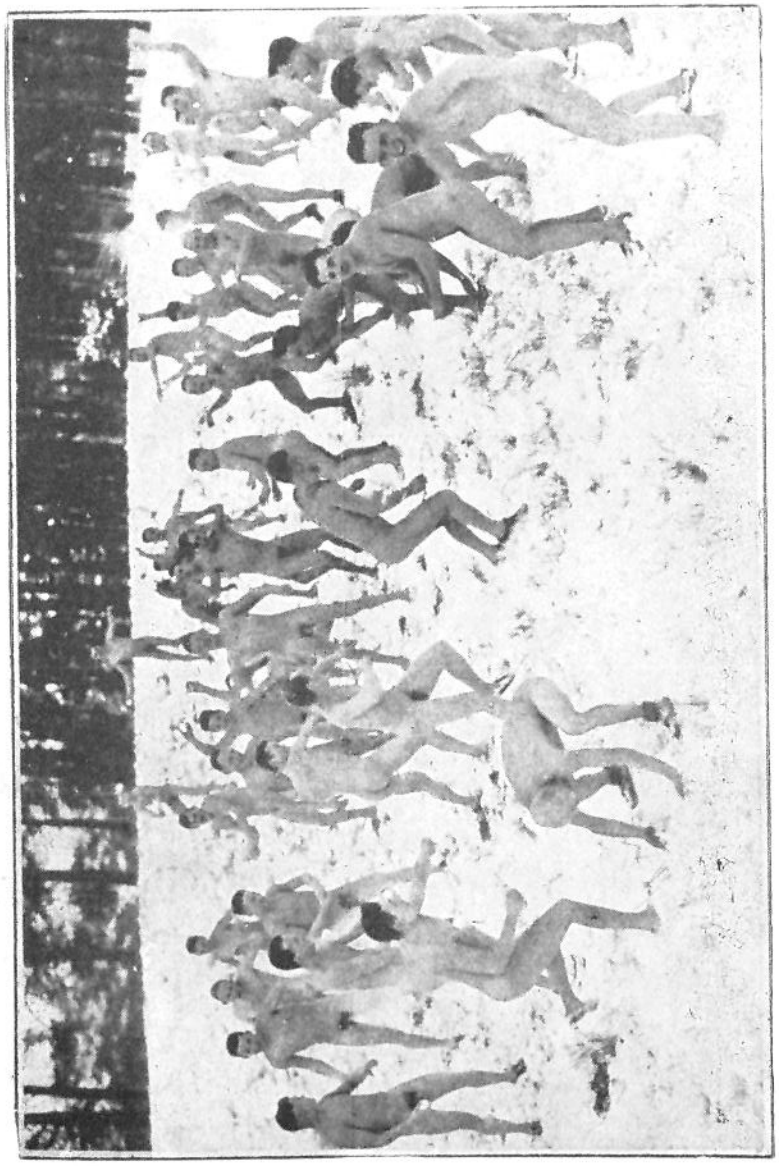


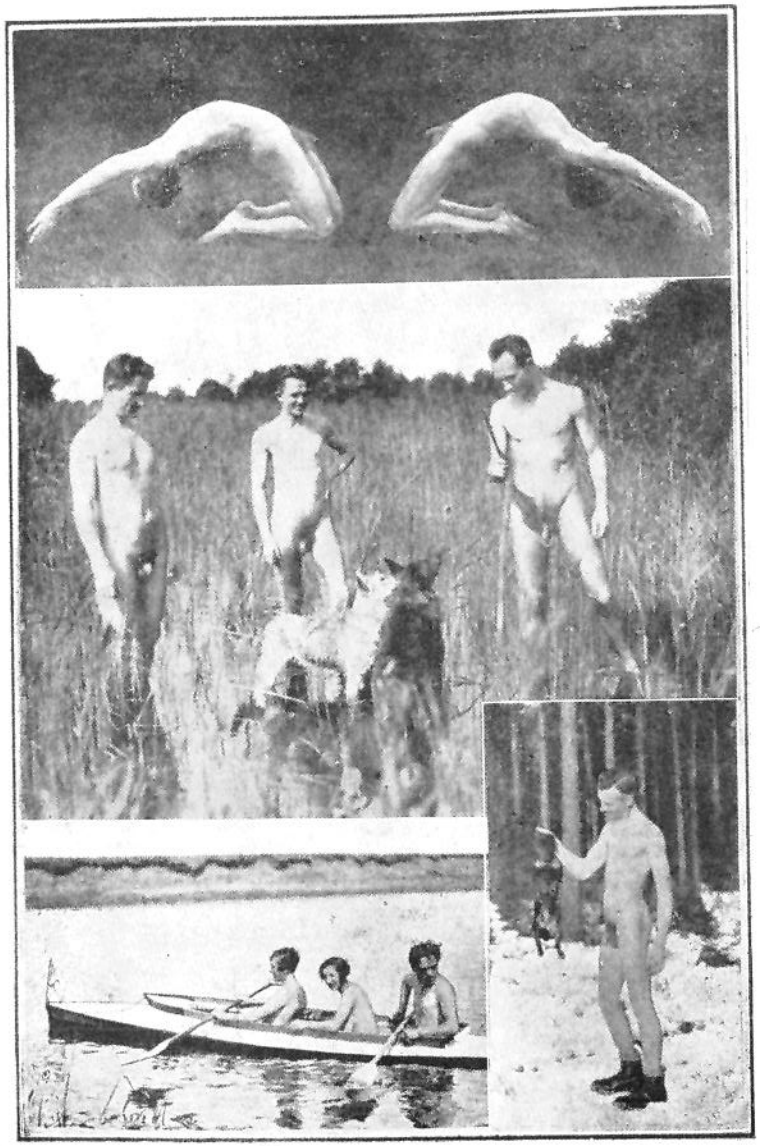












CAPITULO VII

INICIAÇÕES

Começava a declinar o sol quando empreendemos a caminhada ao "Novo Paraiso", nome talvez um tanto pretencioso que o parente rico de Rodolfo déra a sua estancia, situada mais de um hora da estação de Babelsberg.

Para satisfazer a um reiterado pedido da amiguinha Hertha, na qualidade de estrangeiro solicitei uma visita aos imponentes estudios da Ufa, que encontramos no caminho. Foi-me imediatamente concedida e percorremos os imensos planos da famosa marca, e neles tive a fortuna de apresentar Hertha e meus bons amigos-nudistas aos idolos da Alemanha, Brigitte Helm, Emil Jannings e Willy Fritsch, que os obsequiaram com fotografias com carinhosas dedicatorias.

Graças á amabilidade de um dos diretores, que naquele momento dirigia uma filmagem, nos foi permitido assistir á

rodagem de alguns metros de fita. Mas, como se aproximava o crepusculo, vimo-nos obrigados a deixar os famosos laboratorios cinematograficos germanicos, onde a infantil Hertha sentia-se muito á vontade.

A excursão ao "Novo Paraiso" perderia seu encanto se não tivessemos tido a sorte de ter conosco um parente do rico-caprichoso-nudista, Rodolfo, que em menos de vinte minutos nos conduziu de auto até a estancia. Ele era, na falta do maioral, uma especie de prefeito do diminuto burgo prodigalisando com naturalidade surpreendente denotada autoridade governamental.

— Nunca os incomodaram, durante suas estadias, estranhos curiosos? — perguntei ao prefeito-efebo.

— Agora não. Desde que mandei colocar uma taboleta com o aviso "Campo Nudista", nunca fomos importunados. Ninguem se atreve a penetrar na propriedade, cujo unico fim é ser aberta aos amigos ou para iniciá-los em nossas doutrinas.

Nisto fomos interrompidos com a presença do guarda-rural, *Herr* Hammann, que apresentou a seguinte noticia, fato ocorrido durante a ausencia do burgo-mestre.

— Não me fale em doutrinas! Nestes ultimos dias tive que intervir num conflito familiar que por pouco terminou numa tragedia! Vejam só como se arma em escandalo por uma cousa tão banal. Que me dizem?

— De nada sei — atalhou Rodolfo. — Conte o que aconteceu.

— Cousa de pouca monta. Certamente deve lembrar-se de *madame* Mendel? Certo estou que dela se recorda. Aquela matrona gorda, cheia de ácido urico, que tem um bigodinho...

— Ah! Sim... sim, perfeitamente. E' uma assidua visitante do campo da Darmstadt. Mas... se todos prometem, digo um segredo.

— Pois, óra diga.

— Pois bem, *madame* Mendel pratíca o nudismo tambem conosco.

— E é esse o segredo? — retorquiu o guarda-rural.

— Naturalmente. *Madame* Mendel confessou-me que seu marido ignora por completo as suas idéias modernas de cura. Não é verdade, Hertha.

— Efetivamente.

— Então — disse o guarda, rindo intencionalmente, — agora ninguem mais ignora, nem o marido!

— Que aconteceu?

— *Madame* Mendel vendo-se tolhida de praticar o nudismo no campo, resolveu praticá-lo em sua propria casa e assim armou um escandalo com o marido, e a baila veio para cá e nos tem imensamente divertido. Alugou a casa de Von Bruckel, e todas as manhãs esconde a roupa de

seus doze filhos e os obriga a ficarem em pêlo na casa e no jardim; eles choram e gritam; resultado: os garotos da vila não mais os admitem em seus brinquedos, porque os pais proibiram andar com aqueles sem-vergonhas! Ah! Ah!

Rodolfo franziu as sobrancelhas numa contrariedade visivel ao ouvir as palavras do guarda-rural, mas como já haviamos chegado ao nosso destino, descemos do carro e grato ficou ele ao ver-se livre do tagarelante vigia.

Nada de extraordinário descobri na estancia — especie de chacara para nós — onde iriam vegetar como animais a comitiva e um principiante como eu. Nenhum muro ou cerca, nem tapagem rustica separava aquela propriedade do resto da planicie. Era linda a vista: espessos bosques cobriam-na em todas as partes.

— Por aqui — indicou-me Rodolfo, mostrando um atalho tortuoso, levemente indicado por uma flécha e pelo qual já se adiantara a traquina Hertha.

— E' muito longe o campo? — perguntei, pouco disposto a dar uma pernada de alguns quilometros.

— Como longe! Pois já nos achamos nele!

— Isto aqui? Tão perto do burgo?

— Tanto melhor. Assim o avitualhamento é mais fácil.

— Concordo, mas... não estaremos tranquilos...

— Não se preocupe com isso. Quando aqui estou,

representando o meu senhoril parente, e depois que puzemos esta taboleta, á entrada, não somos incomodados por ninguem. O senhor certificar-se-á por si mesmo.

Com efeito, á entrada do caminho havia um poste e no topo lia-se o seguinte letreiro:

"RESERVIERT FUER FREIKOERPERKULTUR"

que traduzido: "Reservado para a livre cultura do corpo" (Campo Nudista).

Achei muito infantil tal medida de previsão e a manifestei, ao que Rodolfo respondeu:

— Aqui é o suficiente.

— Mas permita-me que não concorde. Isso seria o mesmo que os seguintes dizeres: "E' Proibido Roubar" e deixar a casa aberta.

— O senhor quer dizer com isso que, apesar do aviso, quem quizer entrar, entrará? Hein?

— Naturalmente!

— Muito bem. E uma vez dentro, que acontecerá?

— Oh! Ver-nos-ão todos nús inclusive sua noiva!

— Só isso?

— Oh! Parece-lhe pouco?

— Acho que sim. Quero que compreenda, meu amigo, que o aviso posto não foi para evitar intrusos curiosos, mas

sim para os que não são nossos adeptos, para que não nos perturbem. Da mesma maneira como o amigo diz: "o que quer roubar, que roube!" Mas, o essencial é que, depois de ter feito o "embrulho", para cobrir as aparencias, não comece a rogar por socôrro, como já tem acontecido. Pois os sátiros hipocritas são assim: vêm com toda a má intenção os campos nudistas para neles saciarem suas ansias libidinosas e logo, se alguem os descobre, protestam e gritam ante a corrupção de costumes, que *inocentemente* foram obrigados a presenciar. Reconhece agora a eficacia do aviso?

Refleti por um momento, no fim do qual abstive-me de responder á argumentação de Rodolfo, porque... porque na verdade não sabia o que responder. Saimos andando e o meu iniciador mostrava orgulhosamente o seu campo: uma rustica barraca onde se serviram as merendas campestres, um enorme tanque ladeado de pinheiros e ciprestes, semeado de pedras, cujo remanso convidava a gente a submergir. Mais adiante havia uma outra casinhola, com um pequeno alpendre, mas de um só compartimento.

— Eis-nos em nosso palácio!

Fiquei um tanto desorientado ao deparar com o "tal" palácio, que não era mais que uma grande casinhola de cachorro e não podia compreender como pudessem ali viver sêres humanos acostumados ás comodidades da cidade. Sorri ceticamente, como se temesse ser vitima de um engodo,

mas a presença de Hertha, no vão da porta, em completa nudez, fez-me compreender que Rodolfo falava seriamente.

— Pelo que vejo o senhor gosta da natureza — disse Hertha ao ver-me sentar num tronco atirado á frente do "palácio". — Vamos agora preparar os comestiveis e as cousas para passarmos a noite. Nada podemos fazer fóra, pois a temperatura não está convidativa. Veremos se amanhã...

De repente entrou na barraca e alguns minutos depois voltou com um livro, que m'o entregou dizendo:

— Olhe, vá passando o tempo instruindo-se na nossa doutrina. Leia este livro que é do professor Strasburg. Traz belissimos ensinamentos. O senhor é nosso hospede e não pode trabalhar, pois todos nós e mais a Gerda, nossa criadinha, vamos fazer os arranjos e apanhar lenha para a lareira.

Caminhei lentamente, não sem medo, mas com respeito: recebi o livro e entrei para me acomodar numa cadeira de vento. Mais uma vez meus olhos se extasiaram contemplando aquela maravilha carnal que era o corpo da minha amiguinha. Os ultimos raios de sol a bronzeavam e suas intimidades femininas acusavam sombras de extrema voluptuosidade.

Meio confuso e atordoado na nova vida que ia começar, abri o livro e deparei com o seguinte capitulo: